OSVALDO SAHOPA

Crónicas da Alma

VOAR SEM ASAS NA IMAGINAÇÃO

CRÓNICAS DA ALMA

VOAR SEM ASAS NA IMAGINAÇÃO

OSVALDO SAHOPA

Ficha Técnica:

Título: *Crónicas da Alma*

Autor: *Osvaldo Sahopa*

Editora Digital*: "****ÁGUA PRECIOSA****"*

Texto: *vernada 14*

Capa: *Mukereng Cardoso*

Revisão dos Textos: *Abílio Lupenha*

Lubango, 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Pai todo-poderoso pela saúde e pela sapiência concedida e ao Mecenas "***AGUA PRECIOSA***" não esquecendo a *__ASA HUÍLA__* ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA por tão magnífica oportunidade de dar asas a cada projecto literário, e não só, fazendo de nós conhecidos no mundo contemporâneo.

Agradecimentos

DEDICATÓRIA

Presto a minha nobre homenagem à minha esposa Natividade Bernardo, os meus filhos Vivaldo Bernardo, Ermelindo Bernardo, Amadeu Bernardo e Maria Bernardo pelo amor e carinho absoluto que me dão todos os dias. Aos meus irmãos e irmãs o meu maior reconhecimento pelo vosso carinho. E a cada leitor, tendes o meu reconhecimento por serdes a razão pela qual escrevo.

INTRODUÇÃO

Palavras escritas e faladas sempre se casam quando a questão for corrigir e ajudar a sociedade a ser um jardim onde cada um e cada qual encontre um cantinho para viver, pois, só viver não basta, mas deixar os outros viver sem perturbação alguma.

Com uma maturidade maluca, decidi alargar os meus horizontes e me aventurar no mundo de criticar de forma apaixonada e consequentemente dar a minha opinião sobre factos que a todos nós dizem respeito no quotidiano encharcado de mistérios, alguns concebíveis e outros nem por isso.

Nos nossos dias muita gente tem tido a coragem perigosa de culpar quem não tem culpa deixando as saias desavergonhadas no vento louco do orgulho separando corações sem almas sem fôlego e sem mar, mesmo não merecendo o que lhes é oferecido.

No livro Crónicas da Alma, trazemos críticas e sugestões para nas mais diversas áreas da vida social de cada um revelando segredos e desmistificando tabús que a vergonha não permite que elas sejam desbaratadas e sei que cada um de vós se reverá em cada artigo, logo, convido-vos a mergulhar nesta minha que também é vossa e tirar delas lições que permitam a vida voar com asas amáveis até ao destino destinado.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS 4
DEDICATÓRIA 6
INTRODUÇÃO 8
A CULPA DE QUEM NÃO TEM CULPA 12
A SAIA QUE NÃO TAPA A VERGONHA 14
DOIS CORAÇÕES E DUAS ALMAS 17
OS SEGREDOS POR TRÁS DE UM ELOGIO 20
PROCURA-SE UMA QUARENTENA SOLTEIRA 22
AMOR DA MINHA VIDA 24
A VERGONHA DA NOITE 26
AS "TUMBAS" DO MEU VIZINHO 28
CASADO, MAS SOLTEIRO 30
AS BARBAS DOS SEM BARBAS 32
A PESSOA POR TRÁS DE MIM 34
A SORTE NÃO EXISTE 35
MAIS HUMANOS QUE A HUMANIDADE 37
AMOR GUARDADO 38
AMOR AGUARDADO 39
O SONHO DA ANDORINHA DESACORDADA 40
QUERO SER AFEIÇÃO E NÃO ACHEGADO 41
LIBERTAÇÃO DO PASSADO 42
A DOMESTICIDADE DO AMOR 43
CADERNETA DO AMOR 44
A EFEMERIDADE DO AMOR 46
FRUTA MADURA EM ÉPOCA CERTA 48
ENTRADA SEM SAIDA 50
A CAPA QUE NÃO REVELAVA QUEM EU ERA 52
TODAS A ROSAS QUE CONHEÇO NÃO SÃO ROSAS 54
A DOMESTICIDADE DO AMOR 56
A RAZÃO DA DIOCESE DOS AVARENTOS 57

AS BRUXARIAS DA MINHA SOGRA 58
O DIVÓRCIO COMUNICACIONAL 61
A ELASTICADADE DA VIDA FELIZ 63
OS OLHOS DO MEU SUBCONSCIENTE 64
A VOZ DO SILÊNCIO 66
O SUCESSO QUE NÃO TEM SUCESSO 67
NÃO VALE SE APAIXONAR 69
O CORAÇÃO QUE A CARA NÃO MOSTRA 72
MULHER É ROSEIRAL QUE BROTA ROSAS 73
QUEM LUTA COM UM DEMENTE, DEMENTE É! 75
CEBOLADAS DO MEU MINISTÉRIO AS 77
AMOR DESPERDIÇADO 79
A VAROA DO "TCHIMBANDA" 81
VELA DA SAUDADE 84
AS AMARGURAS DO FRUTO DOCE 87
AS FOFOQUICES DA MINHA VISINHA 90
A MATURAÇÃO SATURADA 92
CALVÍCIE; FEITIÇO OU RIQUEZA? 93
O INGRATO QUE SOU! 95
APAIXONEI-ME QUANDO NÃO DEVIA 97
OMBROS PARA CHORAR 100
LIQUIDIFICADOR DO AMOR 102
DEFINIÇÃO DE FELICIDADE 104
O AMOR QUE CURA COM PERDÃO 105
A NUDEZ DA NOITE 106
AS AMARGURAS DO FRUTO DOCE 107
DADOS BIOGRÁFICOS 108

A CULPA DE QUEM NÃO TEM CULPA

Viemos há anos a comer da panela que não é nossa, mas dentro da nossa própria casa, e como se não bastasse comíamos "pirão" sem conduto e muitas vezes conduto sem óleo, e sem sal, com as salinas na beira das falácias que eram o nosso sina, não obstante, o nosso pai tinha sempre uma panela que a nossa mãe usava para cozer em linhas finas a refeição saborosa depois de nós estarmos todos no sono para que o nosso desalinhado pai comesse na maior tranquilidade, facto que nós nem sequer tínhamos noção de tais veras obscenas, pois ele, o chefe de família, tinha sempre um "bife " requintado, que lhe fazia arrotar de humilde humilhação a sua magna família que tinha a visão vendada com a fome que nem sequer ouvia a exactidão.

Sonhávamos com cheiro da comida que nem sabíamos que existia, mas de facto existia porque o nosso pai comia, e engordava os dentes sozinho.

O mais agravante, medonho e áspero é que quem cozia a refeição era a nossa humilde e encantadora mãe, e ela não tinha sequer permissão para provar se tal comida sabia bem, ou faltasse sal.

A nossa mamãe sofria porque sabia que os seus filhotes sobreviviam de migalhas amorosas, e ela não tinha como tirar, para falar, roubar, um grãozinho da comida corrompida do pai, até porque era impura.

O melhor desta fita é que para nós filhos a amargura era pra todos nós, ou seja, para o tal pai, nossa melindrosa mãe e nós filhos, muito em boa hora, que tais desideratos não condiziam com a veracidade dos porquês! Nós éramos inocentes do "caraças".

Muitos anos se foram e acabaram voltando no tempo, e nós os rebentos da mesma progenitora e do mesmo pai nos encontrávamos no beco do obscurantismo.

Hoje portanto, o sol destapou as manchas do mundo oculto em que estávamos submersos e descobrimos o penar, não que sabíamos, mas não podíamos tagarelar, repito, a penúria de nossa

misericordiosa mamãe e a nossa doce pobreza e levantamos as nossas cansadas vozes, românticas e respeitosas contra e a favor do papai, pedindo elucidações com toda a cautela que merecemos no paraíso de mercê justo.

E sem pudor, o querido papai culpou a nossa mãe por sermos seus malditos filhos e com uma coragem alheia e sua, chicoteou-nos a todos, mas a nossa mãe que também era dele não conseguiu levantar a sua vergonhosa mão pois a praga de uma esposa/mãe pega e não falha.

Pai, que culpa temos nós por sermos seus filhos, se protestamos o que nos merece e que é o seu saudoso dever?

Estamos com a alma faminta, andamos com a mente seminua e os pés calçados de infelicidades. Não queremos ser ricos, mas também a pobreza não deve ser a nossa companheira fidedigna! Não queremos mendigar papai.

Seja de facto pai e não fazedor de filhos, que abandonam no mar da incerteza àqueles que são seus frutos.

Porquê nos maltratas? Não podemos reivindicar? A nossa mãe que também é sua não dorme de tanta insónia!

Esses chicotes seriam pra ti e não pra nós, papai!

A nossa mãe tem vergonha de ti, e nós já não temos trepidez, pois sabemos que por enquanto és o único que nos deve saciar essa sede malandra.

Porquê que não te doas? Reflicta connosco para vermos as prováveis soluções e as factíveis felicidades?!

Se não aguentas dar sustento as suas "ovelhinhas", de sã consciência permita que a nossa mãe paternal aceite um padrasto que venha nos honrar, respeitar e dar o que um filho merece porque não nos importará ter mais de um padrasto, até que apareça o padrasto pai de verdade.

Isso não é pedir de mais papai!

A SAIA QUE NÃO TAPA A VERGONHA

Há muito que ando pelas paragens da vida, e cruzo com todo tipo de luzes, algumas verdes e outras até incolores. Verdes porque parece-me que a esperança dos sujeitos anda nadando nas marés sequiosas com leves doçuras de prazeres que a vida nos impõe, ou mesmo entramos nela sem querer, querendo, inequivocamente!

Hora bem, o mundo anda todo destapado que até a poeira penetra lá onde ela não queria entrar, mas entra mesmo; e no final das contas a culpa é da poeira. Coitadinha dela, não é?!

Em todas ruelas do meu bairro, repito, do meu bairro encontro um ser vivente embriagado pela desilusão da vida, e nem mesmo assim se querem levantar e deixar a vida lhes levar ao bom porto, é verdade, naquele porto que maquina esforços deliberados para no futuro ser-se o que se almeja ser. Com esses seres viventes e não videntes, tagarelo todos os dias nos meus sonhos, ajudando-os a se enquadrarem nas paredes reais que a bússola da felicidade se lhes oferece, mas quando acordo, os encontro todos desacordados e ainda tomados pelas garrafeiras da infertilidade feliz. Eu já os disse que eu também já passei por essas peripécias saudosas, e que foram elas que moldaram este ser minúsculo que nada sabe, que tem um pouquinho a dar.

Muitos deles tratam a vida como se fosse ela a culpada de todas a suas farrapagens, e por isso não fazem a análise do " toma lá, dá cá". A vida é assim, ela te dá o que mereces e nunca o que não te serve.

Os genitores se tornaram em meros fabricadores de criaturas, mesmo inofensivas são levadas a jornadear nas curvas e contra curvas da mania porque não têm sequer uma delicadeza saudável e produtiva, ganhando a vida na conta de quem nem quer saber da vidinha deles. Esses são os pais, incluído eu, que o mundo tem nos dias de agora, aqueles que nem mesmo sabem cuidar de si mesmos, apenas cuidam da sua mera aparência e do seu temporário amanhecer.

As sacrificadas procriadoras são levadas a segurar os seus rebentos a sós, sem que o causador dos frutos doces e proibidos se preocupassem com os seus, e as suas responsabilidades levando as mamães amadas muitas vezes se sacrificarem para dar um pratinho de fumo salgado para aldrabar o ingrato estômago, facto que muitas ou poucas vezes elas precisam "diabolizar" o seu próprio corpo para conseguir um " Kambucadinho" de sustento. Por isso, a minha vénia a ti minha e tua rainha mesmo sem estudares os livros da estória, te tornaste na mais velha biblioteca viva, que alimentas as tuas mais luzentes flores. E essa é a minha, nossa mais humilde homenagem.

Nós os tais filhos então! Somos que nem um farrapo enxaguado pela preguiça que nem nos damos o luxo de pelo menos ou no mínimo aceitar lavar carros dos tais que se parecem ser os melhores, varrer o nosso coração da impureza da displicência e da ganância, querendo ser sem merecer já um doutor de brinquedo; aliás, o nosso progenitor não nos educou mesmo para o sacrifício, deixou tudo e todos para a mamãe. Começar do pequeno, que é bom não queremos! Ansiamos o grande na hora, e nos esquecemos que isso nos leva a ir nas casa pretinhas de capim buscar o obscuro para prejudicar a outrem, ou na verdade mesmo, prejudicar a nós mesmos porque no final das contas as noites se tornarão dia e os dias noites, ou como queiram, dormir de dia enquanto que os demais viventes " atrapalhados" trabalham, e trabalhar de noite em quanto os "molengões" dormem, acreditando eu que não é esse o teu caso; e se for o teu caso, coragem pois recebeste o que plantaste.

Salto exactamente a você que me vê, me lê e me ouve neste cantinho da saia que não tapa nada, sim você mesmo, que deveria criar tudo quanto preciso e só pensa nos seus pés, nas mãos e nos seus apetites! Não acha que já é hora de colocar o seu cérebro a funcionar e devolver a felicidade daqueles que mais desejam? Tudo isso só pra si! Sei que defraudou dos cofres daqueles que são "pouco atentos", mesmo assim dignos no que são e têm, muito em boa hora que existam aqueles que andam com as calças nas mãos mesmo com o cinto apertado.

Fala sério! Não deste conta que falo de ti, e contigo meu amado e gostoso destino, meu chefe! Vista uma sai comprida e tapa lá "masé" a vergonha que te acanha e deixa que o mundo nos afogue nas paranóias frutíferas da vida.

Se continuares a colocar a saia curtinha e te colocares a andar pelas artérias da nossa desgraça, por favor, não baixes a saia e deixa que ela suba, que suba mesmo para que a poeira da vergonha entre em todas a paredes da tua utopia e assim continuares a ser aquilo que plantaste!

Um aparte, não seria bom seres benévolo nas coisas indulgentes que a vida te quer oferecer? Não seria justo te cobrires com o manto da prosperidade, e do porvindoiro trabalhado? Sei lá, seja o que quiseres!

DOIS CORAÇÕES E DUAS ALMAS

Decidi por influência dos meus instintos dar uma voltinha nas ruelas do meu coração e saber se ele ansiava enamorar-se subitamente por uma donzela que foi produzida num feriado em que o silêncio cantasse a voz do prazer. Fiquei estupefacto, ao saber que o meu coraçãozinho padecia assim como eu, sem alguém para tapar os buracos da soledade. Foi ai que em unanimidade decidimos passear novamente juntos e fazer presa uma gatona que nos valesse apenas como um escudo de couraça.

Depois de um banho cerebral, nos colocamos a fora e começamos a observar as paisagens que entrecruzavam o nosso caminho, e diga-se a bono da verdade, que todas elas eram uma estrela brilhante com aromas diferentes e sabores adocicados. Resolvi mandar descontinuar uma menina estonteante e o meu ciumento coração negou-me a oportunidade de tagarelar com a primeira que passou o nosso caminho, segundo ele, ela era muito atraente e sedutora e não fazia o seu gosto. Não tinha como reagir pois a decisão não dependia somente de mim, mas do nosso consenso, se bem que a justificativa não me foi convincente, pois ela, a garota tinha parte das propriedades que eu almejava.

E continuávamos de olhos bem abertos no nosso jornadear para conquistar uma varoa do tamanho da lua nova que tivesse um coração igual ao que eu tinha dentro de mim, pois era isso que o meu queria. Tudo igualzinho, menos a nossa génese que o meu é de macho e o da procurada tinha génese de fêmea. Confesso que passamos todo o percurso a discutir porque o coração pedia que parássemos várias vezes por encontrar corações de donzelas que não faziam o meu estilo, mas o dele. Todas elas não tinham o que eu desejava! Procurava estruturas em manequim, com montanhas curvadas no outro horizonte da fronteira. Queria um corpo que tivesse um semblante robusto, e um cavalgar de cavalo que uma vez montado, viajasse para todo sempre numa fusão de futuros amarrados. Infelizmente o meu coração não queria só o que se via com os olhos de ver, mas procurava qualidades íntimas, inéditas e invisíveis, porém visíveis com os olhos da alma, coisa que eu não

era capaz de alcançar, pois o que mais me valia era o que via sem lupas da inteligência.

Por causa do meu orgulho eu não queria ceder tencionando o que queria de facto. Quando menos esperamos, parou entre nós uma obra de arte, bem desenhada, sem falhas e a preto e branco. O meu corpo estremeceu de anseios e o engraçado é que o meu coração estava todo calmo, sereno e confiante parecendo que tinha mais juízo que eu, facto que eu não queria admitir, pois tinha mesmo juízo, porque ele sabia ver o "dentro" dos factos.

Olhei nos olhos dela e ela mostrou dentro de si um sorriso enlouquecedor mostrando-me que estava interessada em fundir um laço de comunhão integral entre eu o meu comparsa. O que me afogava a alma era o comportamento do meu sequaz, pois eu esperava que me dissesse alguma coisa a respeito, sobretudo no que estávamos prestes a nos presentear. Sem esperar, manifestei os meus intentos e ela caiu toda suada nos meus transpirados braços. Para minha estranheza o meu coração saiu de mim dizendo que estava indo para casa. Fiquei todo queimado de nervos pois faltou um segundinho para que eu beijasse a jovem e sedutora menina que já me tinha atirado a sua boca carnuda, mas como sem o meu coraçãozinho eu não viveria implorei para que voltasse dentro de mim e quis saber o porquê de mais uma rejeição se aquela era uma das melhores oportunidades para estarmos felizes! Quando se diz que no "coração ninguém manda", tive que acreditar pela primeira vez. Os nossos corações não se casaram, simplesmente os nossos corpos eram compatíveis.

Para o meu coração valia mais "a aparência interna do íntimo do que a aparência externa" do visível. Estava totalmente aborrecido, e sensibilizei o meu corpo a voltarmos para casa, facto que ele aprovou com muita satisfação. Em casa tive que fazer um exame de consciência e conclui que o meu coração tinha toda a razão do mundo, pois antes de sairmos de casa não conversamos connosco mesmo. Não partilhamos ideias sobre que tipo de mulher satisfaria os desafios do meu corpo em comunhão com os malabares do meu coração ou da minha alma.

O que se precisa de facto, é conciliar a mente e os desejos, o que vemos e o que não vemos, dominar o nosso ego para não se cair no contentamento da carne. Precisamos de conversar connosco mesmo e chegar a um consenso, pois nem tudo o que vemos é o que parece ser.

Precisamos de saber que:

Nem tudo que o é doce é açúcar;

- ✓ Nem tudo o que brilha é ouro;
- ✓ Nem tudo que queremos, podemos ter;
- ✓ Nem tudo que o corpo quer a mente deseja;
- ✓ Nem sempre que a mente anseia algo o corpo corresponde;
- ✓ Nem toda menina é donzela;
- ✓ Nem todo o rapaz é príncipe.

Sempre que saíres, tu e o teu coração, para conquistarem a vida, seja lá qual venha a ser o vosso propósito, nem que venha a ser para beijar alguém, conversem um com o outro e beijem-se primeiro antes de saírem do vosso habitat, para que o beijo que virem a dar noutro coração que também transporta uma alma venha a ser prazeroso e venha a dar num enlace perfeito entre os dois corações e as duas almas.

OS SEGREDOS POR TRÁS DE UM ELOGIO

Depois de uma andada triunfante sobre qualquer evento o coração repousa nas paredes da satisfação e do gozo total, e a alma se assenta no merecido descanso.

Nos levantamos cedo para labutar na lavra da felicidade e redobramos os esforços para que os frutos venham a ser palatáveis e bem desfrutados. Doamos o nosso tempo no pouco e preciosa conjuntura que o dia nos dá, ganhando a robustez partilhada pela família que fica submetida sob os seus afazeres e no fim do dia sentamos à volta da fogueira e partilhamos o que vivemos durante o dia. Depois da oração da noite cada um vai para a sua esteira descansar os ossos, e preparar novas forças para o novo dia que se avizinha.

De manhã bem cedinho nos erguemos com um pequeno-almoço seguido de uma rica oração da manhã e cada um vai para os seus habituares. A casa fica trabalhando no silêncio com a grande espectativa do regresso dos seus hóspedes.

Cai o dia e entra a noite e nos reencontramos novamente no nosso pequeno céu cumprindo com a rotina diária que Deus nos proporciona.

Neste vai e vem da vida, muitos se alegram com a nossa alegria e outros nem por isso, só que ninguém mostra que está insatisfeito com a nossa prosperidade.

Entre portas e travessas vemos pessoas a dizerem que somos felizardos no que fazemos, mas não conseguem ver o que se faz por trás das felícias que conquistamos. Pensam que tudo o que se tem cai do céu. Até elogiam mas, os mais atentos conseguem dar conta dos falsos elogios. É só olhar na cara deles que a sua expressão diz o contrário do que eles exteriorizam.

O dia nasce para todos e a noite é para cada um descansar, muito em boa hora haja quem inverta a estação do dia, fazendo o que só eles sabem.

As circunstâncias da vida são mestras gratuitas para quem quer prosperar, pese embora precisa de saber ler copiosamente o que as realidades da vida nos querem dizer e formatar. Outrossim, corações abençoados constroem amizades duradoiras.

Por trás de um elogio escondem-se perduravelmente múltiplas intensões! Os elogios mais sinceros possíveis advêm de almas puras por serem transparentes consigo mesmas e com os que lhes circundam, pois só quem tem lucidez espiritual, visão espiritual e audição espiritual sabe ver e reconhecer as glórias de outrem.

Existem aqueles que por ironia do seu próprio destino experimentam sabores penosos e invejosos, infelizmente, e não se contentam com as rugosas vitórias dos outros, e como os menos atentos não conseguem ler o coração amarfanhado, recebem elogios amaldiçoados, pois a vida nos ensinou que nem tudo o que a boca fala, mostra o que o coração quer, ou seja, podemos estar a receber bênçãos por intermédio da palavra falada, mas a voz do coração nos está a amaldiçoar.

Não deixes que o teu dia passe sem que faças o que deves fazer para não desejares o que é de outrem. O dia nasce para todos e a noite cai para cada um de nós, e as oportunidades aparecem quando às procuramos.

PROCURA-SE UMA QUARENTENA SOLTEIRA

A maturidade de qualquer ser humano atinge-se quando a pessoa sabe dominar os seus sentimentos não importando o género, creiam ou não! Há quem só ama de verdade quando alcança a maturação. E nesta idade já não é admitido sofrer por amor, pois a caminhada que se travou durante anos formatou de robustez as vicissitudes do homem ou da mulher, que muitos chamam de velhos, que até pode ser, mas prefiro atribuir essa idade como classe de experiências vividas.

Essa é a fase onde é obrigatório estar realizado, materialmente, emocionalmente e espiritualmente, muito em boa hora, que exista aqueles que mesmo realizados não se sentem realizados, por não alcançarem os seus intentos desenhados quando jovens. E assim sendo, se tornam sombra das suas próprias sombras sem saber que geralmente ai é o cume da montanha da felicidade.

Não conseguiste comprar um carro, não conseguiste viajar fora do teu habitat, pelo menos tens uma tenda individual para descansar o esqueleto e tirar um bom cochilo todas as noites quando o dia cair.

Nesta duração é muito mais prazeroso quando se tem uma quarentona ou um quarentão ao seu lado que não te julga por nada para não ser julgado. Aos quarenta a vida se torna mais prazerosa e o amor cria raízes suculentas nas paredes da pessoa amada. Existem aqueles amores aos quarenta que são banhados de "maus-olhados" e não aceitam assentar-se no sofá da precoce experiência ganha e preferem separar as águas que foram unificadas pelas marés do destino e acabam abandonando a dádiva da vida transcendendo para outra dimensão. Quem chega aos quarenta (40) já é um vencedor, e não se deve chegar até ai sem uma companhia fidedigna e consoladora para não saborear as amarguras que a ciumenta solidão sabe dar.

Já vi jovens que querem estar com uma quarentona para pelejar nas frutíferas paixões vividas e não se decepcionarem com as surpresas da vida.

Eu por ironia do destino e do meu orgulho acabei de me separar da minha quarentona e ando mendigando de rua em rua a procura de uma quarentona que teve o mesmo azar que o meu, para completar a falta que esse paupérrimo quarentão se encontra pois quem tem uma quarentona tem uma vida folgada, e quem tem um quarentão ao seu lado sabe que a vida a sós não tem valor.

AMOR DA MINHA VIDA

No alvorecer da vida tudo se torna num primário rebento encharcado de remanescentes ostentados pela lucidez de ser novo para fazer fluir uma beleza inalienável, e sequiosa de dores. Germina sempre a primeira amizade que é inata e inalienável pois do nada fomos formados e do nada somos alguma coisa prestável. Tudo sobre a terra e por cima dela é um mistério que não tem explicação, e nem tão pouco tem uma história para contar. Tem sim, uma vida inteira para se viver ao lado daquela que não poupou esforços para que nós fossemos uma realidade hoje! Na verdade é um amor que não tem dimensão ou termómetro para medir a sua capacidade de amar. Essa é uma figura que só sentimos o seu valor quando a perdemos no físico e lhe valorizamos espiritualmente quando entre nós não estiver ou mesmo quando não está entre nós. Ela para ser o que é precisou do amor doutro ser animado do qual também amamos sem medidas. Esta flor é um ser apaixonante seja por quem for. Não se importa consigo mesma e nem com a sua sede de fome; ela se alegra quando vê as roseiras que plantou florirem por si mesmas os frutos da querença. É um bem-querer a primeira vista e nunca existirá um igual! Ser algum consegue roubar o afecto que maquina os prazeres de saborear os seus próprios frutos e carrega-los de colo a colo sem trocar o seu amamentar.

Lastimavelmente há quem pense que veio neste mar de rosas sozinho e despreza a sua génese. Destes prefiro não tagarelar, porque não merecem uma gota do céu em que vivem, e viverão as mesmas consequências que semeiam.

Quero continuar a despir-me da vergonha de elogiar essa criatura que é a representante do Supremo aqui entre nós e ela merece toda a minha e a tua honra, se quiseres, pois eu quero e devo isso a ela. Amor da minha vida! Meu primeiro amor. Meu transporte seguro. Minha ponte vital e minha rainha.

Falo de ti mulher e minha amável mamãe! Nunca trocarei o amor que tenho por ti com nada nem ninguém, pois igual a ti, só mesmo você. Escrevo esta crónica com o coração lacrimal, pois não

poderás lê-la em voz alta, mas sei que lê-la-ás no cantinho do silêncio que em nós coabita. Sei que estás aqui, neste memorável e saudoso dia. Sinto a tua presença, o teu sorriso, o teu abraço, o teu sorriso, o teu flácido colo, sinto os teus miminhos mulher da minha vida. Cronometro as minhas doutrinas não com arrependimentos do que não fui a tempo de fazer, portanto, desabafo em espelho de perdão pelo que de menos fiz quando vivias. Estás lá meu amor a primeira vista e eu aqui, mas sei que continuamos ligados nos nossos espíritos puros e ainda saudosos.

És a minha amizade a primeira vista por seres a luz que me deu a luz quando ainda estava escuro naquele dia de muitas alegrias. Não existem atributos qualificativos e nem quantitativos que neste momento posso desafogar o que foste, és e continuarás a ser em minha vida a razão do meu viver. Deus seja contigo para todo o sempre.

A VERGONHA DA NOITE

O maior mistério da curva celestial é a existência de tudo o que existe, desde os mais escondidos segredos que só aparecem quando queremos ver. Tudo o que existe é majestoso. Desde o pensar de um passarinho, até o chorar das doces merujadas que vêm das árvores crescentes.

A sucessão dos dias e das noites que cantam no ouvido da vida, os movimentos de rotação que o chão de amor proporciona aos seus viventes, o mover de translações da circundante videira que nos fecunda a alma, são dos mais preciosos cantares que a progenitora natureza nos brindou gratuitamente.

O dormir e o acordar das flores dormentes que acordam todos os dias de manhã e dormem todas as horas a noite produzem uma sensação fulgente a todos que acompanham os enigmas videntes.

O cheiro da poeira do amor que dança nas artérias radicais dos que sabem se apaixonar por um simples olhar, se fazem amores infinitos nas ruelas dos prazeres.

Por tudo isso e mais alguma coisa nasceu aquele sentimento sadio e ao mesmo tempo doentio que atrapalha e ajuda no desenrolar das maçãs do amor.

Todos os dias acompanho com prazer vital os desafios de ciúmes que o dia impõe a noite, a lua se submete à noite, as estrela que são sufocadas pela lua, pese em boa hora, cada um tenha o seu ápice de cintilar. É na verdade uma sensação saudável de se viver todos os dias e todas as horas. Há seres viventes e não videntes que nunca tiveram o prazer de saborear estas sensibilidades passageiras e majestosas. Dormem mas continuam repousando sem acordar os prazeres merecidos!

Nunca deixo passar essas soberanas oportunidades.

Quando o dia se põe a noite canta o seu aleluia por ser o seu ensejo de mostrar a mestria do seu brilho e o sol se entristece porque a sua “banga” chegou ao fim. Acontecem centenas de mistérios gozosos durante a noite. O céu escurece e os melhores

beijos são roubados, e por isso as estrelas cantam o louvor da paixão que se transforma em amor desinteressado quando o luar faz cair a sua estonteante e abrasadora claridade. Ai, a noite perde o seu pudor mostrando a sua vergonha. As estrelas desbaratadas pela lua se acanham e sem saber o que fazer deixam a luzência roubar temporariamente a sedução conquistada pela lua. Tudo acontece de forma natural e sem intromissão.

Infelizmente muitos que estão sobre essas benesses nunca conseguem saborear e nem vivenciar tão emocionantes impressões. Sou sortudo porque vivo e revivo sempre estas maravilhas.

A robustez da noite, os sabores das estrelas e os cantares do luar terminam quando os raios do dia se aproximam no aurorescer do gingado dos galos, que com o seu trepidar conquistam a beleza da sua rainha.

É dia e novas histórias se começam a desenhar com as medições da régua para quando os sequazes da manhã aparecerem não se venha cair nos arrependimentos. O bom de tudo é o ciúme que cada um sente do outro, mas ninguém atrapalha o brilhar do outro.

AS "TUMBAS" DO MEU VIZINHO

Quando quiseres construir uma casa arquitecte bem os alicerces da mesma para quando estiveres a morar lá, haja nulidade de as paredes ruírem sobre os habitadores que se encontram entre as paredes.

Com a pressa e o desejo do imediatismo que a vida nos impõe, hoje, por hoje nem estamos preocupados com o material de qualidade que erguerão a nossa "manjedoura". O que nos preocupa mesmo é olhar no formato físico e não na aparência física que o corpo do material sugere. E assim, conquistamos também um pedreiro de mãos moles por ser barateiro.

Por orgulho individual, olhamos para os alicerces do vizinho nos provocam uma gula frenética de trocar de obras. É que as "tumbas" do vizinho foram bem escolhidas e cabem em cada diâmetro da sua fundação. O vizinho tem bom gosto, e dinheiro também. Mas deixei de me preocupar com a obra do vizinho, continuando a minha construção no mesmo ritimo do vizinho. Quer, dizer, dinheiro também eu tinha mas não queria gastar muito.

Confesso que as "tumbas" do meu vizinho são originais e dão vontade de trocar com a minha ostentação. A cada curva da obra encontrava-se sempre um desenho em serpente dourada, a parte de trás da cozinha se faziam que nem uma montanha, e se avizinhava um teto com primeiro andar em forma de mamilos desmamados. Eu também sou homem como ele e tenho a minha magra que nem curvas tem mas é minha e pronto! Só sei que a minha obra sairá perfeita! Que orgulho da minha parte!

E assim fomos construindo as nossas futuras companheiras casas. Quando menos esperei a moradia do meu vizinho estava terminada, e era uma obra de arte. Por mera coincidência a minha ostentação barata estava concluída. Nos mudamos cada um para a sua obra e nos abraçamos cada um com a dela.

Pelas manhãs olhava pra aquela obra pelas janelas do meu coração e juro que me enlouquecia com as "tumbas" do meu vizinho e me entristecia com a escolha do material que construi a minha

felicidade. É que a minha costela não tinha sequer uma pequena curva para assentar os meus esqueletos e queria sentar no jardim do vizinho.

Como cada panela tem a sua tampa, decidi tapar os meus anseios com a minha tampa de orgulho e falta de previsão no escolher e deixei as "tumbas", (as ANCAS) da donzela do meu vizinho para ele. Ele nunca soube desse meu desejo maluco e nem a minha vizinha. O importante de tudo é que as "tumbas" do meu vizinho moram e morarão para sempre na minha meditação. De sorte que a minha magrinha não sabe de nada.

CASADO, MAS SOLTEIRO

Nascemos de uma mulher e de um homem. Até aqui tudo bem! Aprendemos que filhos somos e pais seremos. Outra profecia. Acontece que muitos adolescentes e jovens, para não falar crianças que hoje são adultos, não tiveram essa formatação na medida que foram se tornado descriados e hoje são peças de xadrez num tabuleiro errado. Deixem que me explique: Está na moda casar, e poucas instituições sociais (igrejas, família, escolas) estão preocupadas no enraizamento de conhecimentos sólidos sobre a vida a dois e quando lá se chega, no casamento, o mundo fica de patas para o ar.

Antes da consumação do acto, seria bom que os nubentes no mínimo dominassem o seguinte:

Para o noivo - Ser o cabeça do lar, Amar sua esposa, Ser amante (sexual) de sua esposa, Ser provedor, Ser protector.

Para a futura esposa – Ajudadora, submissa, administradora do lar, e amante (sexual).

Vêm-se lares que até as paredes de suas casas revelam o que nos quatro cantos rola, pois há filhos e filhas de Deus que sofrem misteriosamente abusos inalienáveis e abruptos.

O esposo chega em casa a hora que lhe apetecer e se a sua amada reivindicar justamente o varão aumenta mais quatro horas para mostrar o quanto vale como homem. Deambulam com amigos que alguns dos quais nem têm casa, e bebem o seu próprio desejo esquecendo-se que tem deveres que lhe esperam na pequena tenda que ergueram. Embriagam-se com o cheiro do dinheiro e a varoa nem sabe quanto mede o bolso do seu amarfanhado esposo. E muitos destes desgraçados têm donzelas em casa, aquelas que fazem trinta por uma linhas para não verem os seus filhos e o tal folgado a fome.

Existem aquelas varoas que o diabo precisa ficar de ouvidos vendados e olhos queimados, porque nem ele tem acreditado no que tem visto. Muitas querem ser a cabeça do lar, a mandona, a

faz tudo, a usurpadora dos papás do esposo. Aqueles que querem e mandam o esposo cozer a comida, engomam, lavar a roupa, acarretar água enquanto que ela fica toda pausada e sentada com o controle remoto a mudar de canais, e aido esposo se querer mudar de posição, será vitima automática do controle remoto. O que dói é que muitas das esposas que assim se comportam têm esposos maravilhosos.

Quando não se está preparado ou preparada como queiram para se assumir um relacionamento de "papai e mamãe", não vale a pena nadar em águas turvas.

Aprendamos o seguinte: O pai da esposa entrega a noiva ao genro no altar para simbolizar que tudo quanto era responsabilidade do pai ´doravante passa a ser responsabilidade do noivo, ora esposo.

Cabeça do lar implica dizer que a responsabilidade completa de casa "cai" sobre o marido, sobretudo o governo espiritual da família, sem olvidar o auxílio da varoa. O marido não deve apenas amar a sua esposa se ela estiver demonstrando grande afecto ou paixão por ele ou somente se ela estiver sendo uma "boa esposa". Ele decide amar e a "conquista" com seu amor, por ser essa a sua missão! O homem deve ser amante de sua esposa, e aqui sei que sabem do que quero dizer. O homem deve ser o provedor, aquele que dá mantimentos das necessidades da mulher e de toda a sua casa.

Por sua vez, a varoa deve ajudar o seu varão nas tomas de decisões, desenvolver o espírito de equipa, devem aceitar estar sob a missão divina no lar. Deve saber administrar o seu lar, e ser amante também.

Pensem bem antes de se casarem. Conheçam-se primeiro.

AS BARBAS DOS SEM BARBAS

Nos dias transactos as barbas tinham um papel muito importante e significativo na vida daqueles que não tinham, os jovens, pez embora, alguns por engano do destino já têm alguns fios sem juízos. Naquela altura ter barbas era sinónimo de maturidade, conhecimento, respeito, longevidade entre outros atributos qualificativos mais perfeitos factíveis! Promoviam-se "fogos de conselho" em volta da chama da sapiência que fumegava o porvir, onde os sem barbas "jovens e adolescentes" bebiam da água frutífera da vida que vinha de conselhos maduros, e alguns moços e moças, inclusive adolescentes tornavam-se adultos prematuros por causa do interesse que lhes era imposto de forma pacífica, tudo para o bem pessoalizado e da comunidade.

Parecia-me que era obrigação dos "velhotes" passarem e transmitirem o seu testemunho desamedrontado, e mesmo assim eles não admitiam chamar -lhes velhos, pois a força jovial ainda permanecia nas suas falacias.

Ficam as saudades daquele rico passado que fez homens formatados e dotados de diligência, simpleza que lutam com a vida, para a vida e na vida para quando terem barbas fazerem discípulos.

Quando falo de barbas nesta estrada de papel rasgável me refiro às videiras plantadas nas mentes dos indolentes meninos e meninas dos tempos atropelados e atrapalhados pela guerra de verdades nuas e cruas que a conjuntura sufocou nas paredes que hoje são manjedouras palpáveis.

A barba hoje em dia perdeu o seu valor porque os que a têm, mesmo que venha por causa da idosa idade os "dicotas" não conseguem encontrar-se no tempo e dar o seu preciosíssimo momento aos que muito almejam. As ocasiões fizeram deles caçadores das suas próprias necessidades e presas de si mesmos, olvidando-se que há alguém que precisa dos seus intentos. Como desfecho os jovens estão desencaminhados sem saber o que fazer, sem saber como correr para vencer, como andar, e atiram as suas culpas aos coitados dos adolescentes e jovens, pez embora haja aqueles cotas que não sabem que essa é sua missão.

Convidamos-vos grandes cotas para nos darem o que vos deram ontem nas rodelas de conselhos, pois quer acreditem ou não o ambiente que se dá um conselho ou se conta uma história ou estória influência bastante no interesse e na assimilação de quem vai receber as lições de vida.

A PESSOA POR TRÁS DE MIM

Muita gente preocupa-se somente em observar aquilo que se vê com os olhos descegados, e não naquilo que se defronta com as vistas de ver. É complicado, não é?

A pessoa é aquilo que os outros despertam nela, ou seja, a maré depende circunstancialmente das forte "tremuras" que as ondas da água lhe oferecem. Poucos são os indivíduos que não conseguem espelhar o outro lado de si mesmos por terem um íntimo que lhes sabe colaborar nos instantes insatisfatórios. E essas pessoas estão de parabéns! São de facto vencedores. Existem aqueles que a sua personalidade é maculada de vários sujeitos num só. Onde há paz, reina a paz, onde habita a discórdia, aparece a guerra, onde há fofoca partilha-se desavenças, onde se dança com a cabeça, com a cabeça se luta. Por trás de uma folha de papel escrita ficam marcas, ranhuras do que se escreveu na parte de frente do papal.

Mas a doçura da vida deve se reflectir na mansidão folgada do saber ser em qualquer circunstância da mesma, pois um sujeito com duas caras nem ele mesmo sabe qual é a sua própria identidade. Ninguém adoece sendo humilde, ninguém morre se não roubar a integridade de alguém.

Viver sentado numa cadeira imaginária nunca saberemos quando é que ela será real. Por isso, é bem melhor construir com a sua mão e com a sua mente a sua própria celebridade; e uma personalidade que goste de ti mesma e que atraia a outrem. Seja a sua sobra e a sua penumbra, seja o seu dormir e o seu acordar. Não seja a imagem dos outros, porque a pessoa por trás de mim sou eu mesmo.

A SORTE NÃO EXISTE

Aprendi na jornada da vida que para crescer na dimensão do futuro e vencer os sonhos não deve existir limites na fronteira da nossa visão, mas sim, devemos vencer usando a nossa própria força; força física, espiritual e moral. Só assim nos tornaremos vencedores!

Aprendi que o esforço pessoal é maior que a opinião de outrem. Não existe hipótese de vitória sem esforço abnegado. Já vi gente a dizer que o sucesso depende da sorte influenciada. Meus caros, a sorte não existe, o que existe mesmo é o esforço que cada um deve fazer para realizar os sonhos que se almejam.

Quando conquistei com suor e lágrimas tudo que tenho, sem ferir ninguém os meus amigos disseram-me que tenho sorte! Pensei que fossem meus! Nas horas que suava para fazer brotar os meus rebentos, eles ficavam rindo-se da sua inocente ignorância gelada sem saber que o futuro é ciumento e coberto de razão altruísta. A vocação existe, mas sem um esforço infiltrado na vontade de ser e não de ter a vocação mergulha no zero da função. Para chegar onde estou precisei fazer da minha vida um vídeo sem imagem, com registos magnéticos sem cor, nem dor, muito embora em boas horas sentia a fadiga que já era minha companheira segura.

Não sei de quem falo, e nem quero saber. Sei apenas que preciso relatar o que é facto para uns e sinistro para outros.

Nada se esperava de mim. Diziam! Mas em mim havia uma vibração, uma luz, que movia a minha estrutura por completo; mesmo sem saber. Algumas vezes ficava sem forças e a vontade de desistir já batera o meu potencial, mas o futuro era o baluarte de que eu esperava sem contar com a crítica destrutiva daqueles que acreditavam sentados na sombra da sorte inédita com o vídeo colorido a espera das mãos beijadas pelo diabo.

Não sei de quem falo, só sei que devo falar que a sorte não existe, existe sim a vontade de vencer. Sou vencedor, e você? Diga-me, e você? Também contas com a sorte? Parabéns, aguarde que ela vira no futuro do passado que já passou.

Ontem fui vídeo sem imagem para muitos, hoje sou vídeo visível e colorido para todos. Olha que o futuro se fabrica agora sem olhar nas tempestades invisíveis e outras ainda bem visíveis que na jornada caminhada aparecem sem licença, nem permissão sabendo mesmo que elas devem surgir para fortificar os esforços da imagem ofuscada na hora mais luzente no céu que sente os meus prazeres doces.

Não falo de mim nem de ti, por confidenciar com o destino e formar uma aliança com a sorte sem fazer o que lhe apraz; sentar, beber o tempo e se embriagar com o fazer nada no certo e fazer tudo no vazio dos segundos. A vida que vivi fez-se uma cronografia sem narrador, com a notável presença das figuras de estilo falantes, deixando as figuras da época estupefactas. De quem falo afinal? De mim, de ti ou de alguém que não existe? Gostaria que fosse de ti, ou de mim que estivesse a papaguear, ou a fornicar essas doutrinas efémeras e sem valor.

MAIS HUMANOS QUE A HUMANIDADE

Todo o ser humano, não se importando se é compassivo ou agressivo, devia no mínimo antes de sair do seu domicílio conversar com os seus problemas e chegar a um efémero consenso viável para o seu bem e o bem-estar dos que inocentemente pululam nas ruelas à procura do seu habitue.

Dói ver a sensibilidade daqueles que menos a têm, ser violada por conta da mesquinhice daqueles que mendigam o seu saber à custa de outrem, servindo ao seu bel-prazer sem ao menos sentirem na sua própria pele o penar dos desavindos.

Por cá, a missão de todos é de "servir e não ser servido", é de amar e de não ser amado, pois quem faz o que acima está apontado não precisara de conquistar recompensas, as recompensas por si mesmas se farão dentro daquilo que se merece.

É prazeroso dançar e cantar a música de outrem e ver a nossa alma satisfeita, mas é difícil se colocar por trás dos bastidores da composição musical. A dor que o outro sente também é nossa dor e se pensas contrário ao que essa crónica revela, então és mais humano que a humanidade.

Nos roubaram a cultura de ser felizes no dia que a nossa felicidade passou a ser dos próprios donos, daqueles que já são felizes; felizes porque sabem que o são, mas infelizes por serem eles mesmos a infelicidade na fidelidade dos sem mantimentos espirituais.

Se queres ser um entre a humanidade, seja o outro na suposição da prática do bem que não espera recompensa nem benesses gratuitas.

Doa-te, para que sejas doado pelo destino aprazível.

AMOR GUARDADO

É prazeroso ouvir o som de uma música compilada pelo ouvido que sabe perceber e sabe se deliciar dos prazeres que a vida proporciona. Voar nas marés do amor guardado é esperar sem pressa naquilo que há-de vir no momento provável e menos esperado.
O imediatismo que se esconde na frente do mundo inteiro rouba a sensualidade mental de quem quer ser visual, e desfrutar os prazeres inalienáveis de cada mamífero. A vida hoje nos leva a dançar músicas inusitadas e que feliz ou infelizmente muitas delas são muito badaladas. Quando a nossa alma gosta de algo ela não admite controvérsias. E um exemplo claro, é quando dançamos músicas que a sua letra é escrita e cantada em Inglês, Francês ou Mandarim e a nossa língua é o Português, mas a sua melodia é um sucesso sem igual. A gente dança mas não nos importamos em saber o significado das letras transformadas em melodias saborosas.
É preciso dançar e cantar músicas que conhecemos o seu significado, ao invés de guardarmos amores que nunca chegaremos de viver.
As ilusões devem ser sentidas e não vividas, e ao mesmo tempo vividas e sentidas, ou seja, devemos ter a capacidade de saber o que queremos, quando queremos e aonde queremos amar o amor que nos merece, e não guardar efémeras lembranças que já vivemos quando meninos e meninas agora que somos adultos e prováveis maduros.
A malquerença nasce de plantas plantadas em vasos enrugados pelo tempo que não se preocupa e não se ocupam com o que o coração almeja pra todo o sempre.

AMOR AGUARDADO

A paciência nunca devia ter limites nem fronteiras, devia sim, ter um presente guardado no tempo que sabe esperar. Na clínica do amor, só vão doentes com paixão dormente e não apaixonados que sofrem dessabores do não-querer viver eternamente a dois.

Esperar o momento certo é ser assertivo naquilo que se almeja alcançar sem a pressa da idade que não poupa a história que cada um escreve no seu próprio livro da vida.

Engravidar a vida, educar discípulos que não são celeiros suscitáveis, envelhecer no aurorescer da vida, cantar com vozes descoordenadas o prazer que a vida dá, seria como nadar no mar cheio de desaforos e deixar que os momentos vindouros ficassem sobre custódia do destino.

Para cada tampa existe uma panela, e para cada panela existe uma medida certa que nem o larápio de desejos consegue usurpar sem mesmo a permissão de quem quer ser feliz.

Hoje por hoje, vesse a meninice de muitas crianças ameaçada pelos próprios pais que nem sabem, pois deviam saber, semear um "amor guardado" em sete portões para que amanhã venham elas por si só colher os frutos suculentos que os seus progenitores implantaram nas suas mentes duradoiras.

O senão, é que os genitores despiram-se da sua própria nudez e deixam na voz do prazer a vida dos seus ninhos se auto-sustentarem quando podem e quando devem, para mais tarde na vergonha dos frutos cobrarem tudo aquilo que não plantaram e nem semearam.

É hora de largar as duas mãos para que o futuro amor do nosso amor não venha a ser comprometido lá onde vier a estar. E quando o destino enxergar no brilho do olhar daqueles que são nossos sequazes se deleite com a nossa bem-aventurança.

O SONHO DA ANDORINHA DESACORDADA

Sobre a árvore do amor a pequena andorinha dormia a sombra dos seus sonhos e quando deu por si, estava sobre a cama de um hospital sem saber como chegara até lá. Olhava ela de um lado a outro para ver se reconhecia alguém da sua linhagem, mas desapontada não via ninguém que conhecesse. Passavam por ela muitos médicos que pareciam mais doentes que a andorinha acamada. Foi aí que ela decide saber, perguntando ao pessoal em serviço o que ela estava lá a fazer e como chegara naqueles leitos mansos sem amor. Ninguém quis saber dela pois ninguém entendia o seu linguajar mendigado pelas dores que sentia. Ao tentar bater as suas estimáveis asas para tirar satisfações a quem de direito se sentiu contorcida de dores inalienáveis e preferiu sofrer em silêncio no silêncio que o destino lhe emprestará naquele instante impróprio para cardíacos.

Quando menos a andorinha esperou, veio até si um pássaro todo robusto, com ares de um sabichão acolhedor e sem voltas decidiu primeiro orar de joelhos e com uma cara missionária começou logo a curar as asas feridas do passarinho atormentado.

Todo pasmo e alegrado com a acção do médico, a andorinha começou logo a sentir-se curada, mesmo sem ainda ter tomado um analgésico físico.

A humanidade precisa de terapeutas que não vivam pelos seus corações, mas pelos corações iguais do valentão pássaro que nem está muito preocupado com a renda do seu suor, pese em boa hora, isso motiva o juramento que cada um fez na sua tomada antecedente das acções vindouras.

O mundo seria mais aprazível se o sentimento de outrem vivesse no íntimo das atenções indivíduas e colectivas.

QUERO SER AFEIÇÃO E NÃO ACHEGADO

O coração não mendiga sentimentos. Uma coisa é gostar e outra é amar, o que implica dizer que gostar não é amar integralmente, em certas ocasiões, e amar é gostar de forma triplicada, em todas as ocasiões. Essa paranóia é uma cumplicidade que cada um deve e até pode entender como quiser!

Ando agastado com o meu âmago pois faz sempre realizações que só no obscuro se devem viver. Onde é que já se viu enamorar-se por uma amiga que só quer ser seu amigo? Não posso amaldiçoar o coração porque se tal acontecesse estaria a praguejar todos os meus intentos.

Nunca foi fácil, nem tão difícil dominar as sensibilidades que envolvem o ser humano como um todo, e muitas vezes, por ironia das próprias escolhas nos atiramos no menos óbvio que é fácil de se alcançar e mais prazeroso de se viver.

Aceitar o que o corpo deseja a alma nega, seria como nadar em águas turvas e turbulentas e sair delas sem a certeza que a vida não é uma história.

Não é pecado apaixonar-se amistosamente por outrem, e como sabem, até é prazeroso, pois, muitos amores correspondidos nasceram de uma grande amizade. O grave é se apaixonar pela amizade de alguém que não quer ir além da estima, e continuar na manobra de carinhos que sejam esmorecidos pelo prazer inalienável.

Quem me dera mandar no coração, olhar para uma pedra e aceitar que a pedra seja uma montanha, entrar numa piscina vazia e aceitar nadar porque a água está na minha mente. Não é fácil saborear um copo com mel mas querer um bom hambúrguer.

Seja o que for, interpretem como quiser, não quero ser amigo da minha amiga, quero sim ser namorado dela, nem que seja no meu íntimo. Por favor, não me obriguem olhar para ela como um homem, homem sou eu, e ela é uma donzela.

LIBERTAÇÃO DO PASSADO

Todo o ser bondoso tem uma parte frontal e outra traseira, que ninguém conhece até que o destino revele a sua essência verdadeira. Muitos preferem esconder-se atrás da sua parte traseira para continuarem aquilo que trazem de menos bom e que foi formatado pela sua génese, ferindo assim a sensibilidade de todos que o rodeiam.

Toda vida é feita de uma história boa ou má, portanto, o sensato seria carregar as benesses e não as tradições que amarfanham o cúmulo dos projectos vitais que se almejam alcançar. Saber escolher o que se quer é fácil, mas escolher o que se deve escolher é muito difícil. Libertar-se do passado é factível quando se quer, e se faz esforços para tais efeitos. Ficar amarrado no que já se foi, sobretudo negativo, não constrói horizontes, mas sim, forja a temperatura madura que o destino quer que se augure.

A parte frontal da vida é aquela que semeia frutos vindouros e não vive do passado nem das decepções construídas por aquilo que nem o mar deseja para si.

Seguir os parâmetros da ancestralidade não é de todo uma maldição, precisa-se porém, de saber seleccionar tudo o que deve estar sobre os carris e peneirar tudo o que abafa um lindo sonho.

A DOMESTICIDADE DO AMOR

As pessoas dos nossos dias decidiram encarar a vida como uma ficção, que se fixa apenas nos factos irreais emotivos produzidos pela indústria cinematográfica que está mais preocupada a construir lucros pra si mesmos do que a formatar mentes maturas capazes de subir montanhas do saber sem mero sacrifício, e que dentro das suas culpas, vivem a culpa de quem consome as suas produções.

Por conta do que se vê e se assiste, sem alguma censura credível, quer-se viver o amor das novelas, onde geralmente, o final das estórias é sempre um sim e dificilmente nãos que não "satisfazem". Nas famílias, no grupo de amigos, nas comunidades religiosas, enfim, em toda a área da vida, percebe-se muito mal a elasticidade do amor. O amor-próprio, o egocentrismo, ganhou mais espaço nos corações das pessoas e cada um vive como quer, e como deve sem seguir os padrões de uma sociedade sadia e pluralista. As pessoas perderam a flexibilidade pelo ser humano. Infelizmente, essa penúria se estende em toda as facetas da vida.

O amor é inato por nascer em cada ser, é transmissível em matéria de sentimentos, é volátil, é uma afeição que não tem explicação, apenas se sente. Não se aprende na escola e nem se estuda nos livros. É uma sensação socializadora que não subjuga e nem domestica a sensibilidade de outrem.

O amor é maleável, e ao alcance de qualquer um.

CADERNETA DO AMOR

Sobre os escritos da vida de qualquer ser vivente devem-se registar os momentos de vivência dia no dia, para que nada fique de fora. A mente nos seus registos "magnéticos" prolifera as sensações mais sarcásticas e factíveis que fazem dos seres amáveis um eterno céu de prazeres que virão a ser cantados e contados pelos melhores maestros que a estória um dia registou.

Entre o vai e vem das épocas, muitos regentes de bandas sonoras do amor atiraram as suas sementes da vida em terrenos inférteis mesmo sabendo que a colheita seria menos abonatória. Por causa da ilusão da vida, e por coincidência, na fase da idade da curiosidade nos sentimos obrigados a experimentar tudo e mais alguma coisa, por culpa da fiel reprodução das hormonas sexuais; outros ainda vivem essas desavenças na fase adulta, infelizmente. A consequência de todo esse processo, por falta de informação, e em alguns casos nem por isso, a nossa caderneta fica cheia de ensaios amorosos conquistando prazeres alvoroços ganhando e perdendo almas que deviam ser espíritos saudáveis.

Por conta da desilusão, afirmo sem medo de errar, que cada um de nós tem na sua caderneta memorável um número infindo de amores falhados por não querer se esperar a tampa da sua própria panela, que se diga que não é fácil, e por castigo do destino, ninguém chega ao casamento completo, com um espírito imaculado. Colocamos sempre na frente os desejos e não a razão.

Cada um, ou cada uma, tem os nomes bem cravados na memória rígida do seu coração, e atire a primeira pedra aquele ou aquela como queiram, que não vive essas lembranças amarguíssimas mas também um pouco doces!

Alguém disse um dia que "um carro novo à venda precisa que se lhe meta a trabalhar todos os dias às manhas para não gripar o motor", mesmo que leve vinte anos antes da sua compra" ou seja, desde que o carro é fabricado, deve-se ligar o motor. Queiram entender a mente poluída que tenho; é que as crianças, adolescentes e jovens devem experimentar a vida sexual activa nas

suas respectivas faixas etárias para quando casados, estarem já bem rodados, experimentados, vale também para o sexo oposto. Por isso, que o nosso passado não nos abandona.

O ideal seria, conhecer-se primeiro, semear-se para depois colher os frutos saborosos da felícia. É fácil? Obviamente que não! Mas é possível chegar lá com o manto sagrado puro. Na caderneta do casamento deve existir apenas um nome, o nome da pessoa amada, com quem se deve aprender e ganhar experiências vindouras. É só ser você mesmo e acreditar em Deus!

A EFEMERIDADE DO AMOR

Tudo o que existe é feito de composições apaixonadas e apaixonantes. A beleza das montanhas faz parelha com o brilho de quem a olha; a complacência da música vem na miscelânea de todos os instrumentos melódicos; O abraço casa-se com o desejo de não estar só; o dia aceita a vinda da noite; a lua sustenta-se na aceitação da obscuridade; a noitada cede-se ao dia quando chega a sua hora; a mãe tem os seus descendentes graças a misticidade do amor; o sol domina o dia sem machuca-lo, enfim a beleza do universo consiste na dualidade e na reciprocidade do existencial. Ninguém caminha só.

Tudo isso, se efectiva quando ninguém cruza nos atalhos de outrem por acaso. Mas se atropelarmos os ensejos do destino, querendo mais do que se é, acabaremos construindo emoções associadas com efemeridades lá onde os apetites da vida se abalam sem mesmo a nossa permissão.

O amor de hoje é efémero, facto pelo qual, muitos seres viventes se acham no direito de deleitar e abusar das emoções de outros seres bondosos e não só, engavetando os sonhos futuristas que mereceriam ser vividos. Muitos assumem a responsabilidade de vigarizar o futuro da meninice alheia entubando-os de promessas que nem a futuridade acredita neles.

Cavalgar sobre a ranhura de alguém é mesmo que rasgar o manto sagrado da víbora que é imaculado e sem penares. E sabemos exactamente as consequências de tais factos!

Quando se almeja amar alguém, deve-se amar a si em primeiro lugar para se saber e sentir que se está ou não preparado para partilhar os farrapos que a vida lhe oferece e saberás quando lava-los a mão ou coloca-los na máquina de lavar as decepções. Queres encontrar a pessoa certa para viver, sê você mesmo a primeira pessoa certa para ti, e viva de ante mão para ti mesmo; e quando desejares partilhar o amor que tens contigo mesmo com outrem, a afeição será eterna e não efémera porque saberás quando deves avançar ou recuar em tudo que construíres. Conhecerás o sabor do

que é amar e ser amado; saborearás dos frutos que plantares sem esperar recompensas; pelejarás em tudo para que os prazeres da vida sejam vividos de forma saudável; entenderás os sentimentos que vos serão envolvidos. Ama-te para que sejas amado

FRUTA MADURA EM ÉPOCA CERTA

O amadurecimento da vida, e na vida obedecem a um processo cíclico de forma inata e sem obrigações sobrenaturais.

A goiaba é ela mesma, graças a uma sementinha minúscula, e quando madura é saborosa de se deliciar. Para ser ela, a goiaba, pega-se amorosamente na sua semente e coloca-se num alfobre bem tratado e vai-se regando todos os dias para que se desenvolva. Semanas depois se torna um rebentinho muito charmoso e deslumbra a sua verdura inocente. Depois de um tempinho, escolhe-se a árvore miúda entre as demais plantas para ser transplantada com cuidado e mestria, continuando a rega-la periodicamente. Logo depois de muitos cuidados, ela vai crescendo e ano após ano toma a sua altura ideal e começa a desfilar um florir romântico, deixando cair as suas ciumentas folhinha e dar lugar aos pequenos rebentos, na verdade, as goiabinhas. Elas desenvolvem-se emocionalmente e ficam grandes e bem esverdeadas. Com o processar vagaroso do tempo elas vão se tornando amadurecidas sem pressa alguma. Deixam apenas o destino tomar conta dos deleites desenvolvedores para que quem lhes vai tirar a virgindade venha se deliciar de prazeres suavizados pela vida em simultâneas sensações.

Uma vez maduras e passada a fase da nubilidade, ela, a goiaba, sente-se seduzida pelos gozos daqueles que lhe merecem consumir com respeito e satisfação.

Como vimos a goiaba antes de permitir ser tirada da goiabeira deixou-se respeitar, cumprindo com o ciclo precioso e só assim lhe "usaram". A goiabeira não deixou cair as suas goiabas e nem permitiu que elas fossem consumidas antes do tempo.

A goiabeira é aquela menina donzela, e aquele rapaz precoce que têm as suas goiabinhas bem escondidas em si mesmos. Goiabinhas, que são o que de mais íntimo têm! O que acontece com as goiabeiras dos nossos dias? Elas entregam as suas goiabas antes de estarem amadurecidas, leiloando a sua imaculada inocência a quem muitas vezes é maculado, e goiaba verde dói a

barriga quando consumida imatura. É sensato que as frutas sejam consumidas na época certa.

O dono do pomar onde se plantam as goiabeiras deve saber cuidar com carinho as goiabas para que a colheita vindoura venha a ser produtiva.

Seja um bom fazendeiro.

ENTRADA SEM SAIDA

Há mistérios que nem a imaginação humana é capaz de desmascarar, pois só o Divino sabe e se revela por trás de tudo e todos. Entretanto, existem enigmas que são entendíveis mas a mente se recusa em aceita-los.

Ora vejamos, todo o ser vivente é fruto da unção planificada por Deus, sem que se saiba que de facto se irá existir. O homem é fruto do amor de seus procriadores sem mesmo que ele pedisse. E assim, quero crer, acontece com tudo o que dura, mesmo que seja temporariamente. E por este facto, jamais o homem por exemplo, esquecerá a sua génese por ser o motivo provável de ser o que ele é. Ao menos que tal se vivo seja um demente! Não se tem como dizer que o fulano, a sicrana ou o beltrano não é meu pai ou minha mãe. Refiro-me na origem do ser, ou seja, quem nasceu. Pese em boa hora, muitos não são considerados de pai e nem de mãe por causa da sua conduta testemunhal que penosa. Não é disso que estou a tagarelar, pois existem aqueles que não são biologicamente os progenitores mas cuidam da ninhada como se fosse deles.

Voltando a "vaca fria", ninguém se safa querendo fugir da sua genealogia.

Não existem portas de saída quando se entra na vida de outrem. Vejamos outro exemplo: Quando um homem se envolve sexualmente com uma mulher, eles se casam espiritualmente e querendo ou não fazem um pacto. Mesmo que não venham a casar-se, o que acontece muitas vezes, porque nos nossos dias ninguém vai ao casamento puro. Transporta-se e doa-se a génese dos ancestrais por causa da união corporal e espiritual que estão sujeitos os dois seres viventes. Poucos sabem disso, e outros ainda não acreditam. Cada um é livre de acreditar no que quiser, porém, os frutos são colhidos por quem planta. O que é que acontece de facto? Carrega-se para toda a vida os amores falhados na vida espiritual, e na vida física como é natural alguns têm a coragem de esquecer, comemorando de quando em vez. O que em certa medida é normal. O grave é que ninguém está preocupado com o

lado espiritual do sexo quando é feito com variadíssimos seres viventes e nem que for mesmo com um só!

Dizem que "um carro novo por mais que não tenha sido comprado, deve-se ligar o motor todos os dias de manhã, pelo menos, para o motor não gripar" Não entendo nada de carros, mas quero acreditar que seja verdade. Infelizmente, usa-se a frase acima na vida dos adolescentes e jovens, para não falar das crianças para os seus motores não griparem. Lamentavelmente, os parentes são os influenciadores em muitos casos de tal infelicidade.

O ideal seria preparar o terreno no qual queremos semear as nossas sementes para quando amanhã a chuva da fertilidade cair sobre ela o rebento seja maduro para se comer. E que seja somente uma sementinha fundida noutra para que nunca se venha esquecer dos prazeres e dos penares que se viveram e se formatarão no vai e vem dos factos.

A CAPA QUE NÃO REVELAVA QUEM EU ERA

Faz muito tempo que recebi um não de alguém a quem eu amava de facto; é verdade, o que eu sentia por ela estava acima da definição de paixão. Não era uma mera atracção. O que eu sentia transcendia a minha existência!

Para provar as minhas sensibilidades tive que mostrar a ela que eu era o mundo e sem mim ela não conseguiria respirar. De facto, consegui fazer o meu papel, e eu via nos olhos dela um sorriso apaixonado que também me desejava. Ela permitia que as minhas sequiosas garras tocassem no seu mais íntimo sem se quer reclamar. Eu era dela, e ela minha, mas ela não quis assumir tais desideratos. Não entendia o porquê da resistência dela! Era pavoroso sentir algo por alguém, que também tinha as mesmas sensações, e não entendia eu, o porquê de se negar a mais sensata e amadurecida atracção que fornicava as paredes que em nós sentavam. Eu não entendia nada! Só sei que eu sofria com tudo aquilo.

Insisti, persisti e mostrei o quanto eu a queria de verdade. E quando menos esperei o tempo levou-a para um lugar incerto e sem querer tive que a esquecer. Pensara eu na altura, que o meu amor não estava na sua dimensão e nem no chão que pisávamos.

Eu todo pasmo, recebo uma ligação anónima que dizia ainda me amava, e vem me amando, faz tempo. Quis eu saber quem era, mas infelizmente, a chamada caiu. Tentei ligar, o telemóvel estava desligado. A partir daquele instante, recebia muitas mensagens de declarações de amor, e a única coisa me assentou a mente é que aquelas perturbadoras correspondências vinham de uma mulher. Quem era? Também não sabia!

Num belo dia, eu bebendo da minha felicidade recebi uma chamada em vídeo, e vi um semblante de mulher que não me era estranho. Mal atendi, recebi logo um pedido de desculpas, revelando-se que era ela a dona das secretas chamadas e mensagens que recebera a tempo integral, nos dias atrasados! Tempos foram e o mesmo

tempo voltou com aquela que eu pretendera e não me quis assumir por sua culpa.

Tive de imediato que tirar satisfações! "Porquê não me quiseras como teu enamorado sabendo que eu era a tua pétala de desejos?" A resposta foi simples e objectiva: " Tinha vergonha de namorar contigo porque tu vinhas do lado oposto do horizonte que eu acreditava". Tive que lhe dizer que ela não era culpada porque o momento impunha que as pessoas daquele imundo tempo estavam formatadas a não aceitar as diferenças. Tive que fazer um exercício extra para não responder segundo o que morava no meu supersticioso coração.

Confesso que me senti chocado com a abertura dela, pois cai ileso, e tive que me pegar. Na verdade eu era humilde e vinha mesmo de lá, onde aprendemos a ser, antes de ter, e muitos não entendiam.

Tive que lhe dizer que já não podemos ser um só, pois hoje já tenho o meu celeiro erguido. Chorou amargamente, e pediu-me desculpas porque foi levada pelas emoções do discriminado tempo.

Senti-me triste, não por ela me ter aceitado como namorado, mas o que me atormentou a alma foi saber a tamanha discriminação.

A negação de qualquer facto na vida, nunca deve ser acompanhada de descriminação e nem de discriminação, mas sim do bom senso.

Eu sou a capa que não revelava quem eu era de facto!

TODAS A ROSAS QUE CONHEÇO NÃO SÃO ROSAS

A natureza feminina é a mais prendada que o universo alguma vez conheceu. Delas brotam as mais belas fortunas de amor, e a semente que dá frutos mimosos no seu ser e estar. Ela é presenteada todos os dias pelo nascer do sol de quem estava no obscuro. Graças a sua ilustríssima essência, ela favorece aos mais desfavorecidos e doa-se por inteiro em tudo que lhe faz feliz e lhe atormenta o coração. Ela foi feita para gerar vidas e sobretudo, para ser amada, acarinhada e levada ao colo da lua sempre que precisar. Ela se esposa com todo o sentindo da vida, até com as amarguras que vêm do mais alto e baixo penar. Ela é o ser mais prudente e inteligente no seio das "marés" e dos mares mais profundos de sentimentos. Ela é a rosa que enfeitiça o roseiral que habita em nós com o seu aroma vitalício e acolhedor. Essa é a rosa que cheira a rosa! Mesmo murcha ou seca, nunca deixa o seu aroma em mãos alheias.

Existem aquelas rosas que atiram o tapete da vida ao destino atrapalhado e imediato, sem saberem semear aquilo que dentro delas existe de mais precioso. Essas são as rosas que não são rosas, e nunca chegaram a ser. Trocam as suas pétalas avermelhadas de pureza por uma gotícula de mendigada satisfação e cambiam a mais sedutora atracção que se encontra no seu jardim por uma vil personalidade. São daquelas rosas que quando atiram o seu bafo, emagrecem a persistência das demais que ao seu lado convivem, pese em boa hora, que haja as pouquíssimas rosinhas que se preservam maduras no seu futurando objectivo, que geralmente é de luzir o mundo com o seu palatável e apreciado gingado.

Todas as rosas que hoje conheço não são rosas, porque na sua ramificação desembocam espinhos amarfanhados com os seus folículos caídos pelo medo que o porvir lhes reserva.

Dentre as rosas que não são rosas, existem aquelas que sabem sentir o seu cheiro e transmitem por intermédio do vento amável o seu cavalgar de talentos por aquilo que são e fazem e não por aquilo que desejam só pra si mesmas. Essas rosas são verdadeiras

rosas. Assentam o seu caule no polém daqueles que não têm como crescer e regam com a sua própria água o chão ressecado pela seca de prazeres daqueles que também precisam dar o seu brilho, mas a sua natureza não permite sem que tenha um braço abraçador que se solidariza por inteiro.

Essas são daquelas rosas que o seu florir contagia a nebulosidade do jardim e enamora o jardineiro orgulhoso e sem vergonha. Os seus espinhos não picam, pois quando passam sobre a pele sedenta de caricias, exaltam o esplendor e abafam a fome de sensações que no tempo da seca se precisa saciar. As suas folhas e flores mesmo secas não morrem nunca por serem elas mesmas a razão da sua existencial formosura.

Deixar de ser rosa que não é rosa, não é fácil, mas também, não é difícil. É só aceitar se deitar no jardim das rosas, e obedecer os vendavais das rosas que são rosas.

A DOMESTICIDADE DO AMOR

As pessoas dos nossos dias decidiram encarar a vida como uma ficção, que se fixa apenas nos factos irreais emotivos produzidos pela indústria cinematográfica que está mais preocupada a construir lucros pra si mesmos do que a formatar mentes maduras capazes de subir montanhas do saber sem mero sacrifício, e que dentro das suas culpas, vivem a culpa de quem consome as suas produções.

Por conta do que se vê e se assiste, sem alguma censura credível, quer-se viver o amor das novelas, onde geralmente, o final das estórias é sempre um sim e dificilmente nãos que não "satisfazem". Nas famílias, no grupo de amigos, nas comunidades religiosas, enfim, em toda a área da vida, percebe-se muito mal o a elasticidade do amor. O amor-próprio, o egocentrismo, ganhou mais espaço nos corações das pessoas e cada um vive como quer, e como deve sem seguir os padrões de uma sociedade sadia e pluralista. As pessoas perderam a flexibilidade pelo ser humano. Infelizmente, essa penúria se estende em todas as facetas da vida.

O amor é inato por nascer em cada ser, é transmissível em matéria de sentimentos, é volátil, é uma afeição que não tem explicação, apenas se sente. Não se aprende na escola e nem se estuda nos livros. É uma sensação socializadora que não subjuga e nem domestica a sensibilidade de outrem.

O amor é maleável, e ao alcance de qualquer um.

A RAZÃO DA DIOCESE DOS AVARENTOS

Dias vão, dias vêm e dias virão mas a esperança dos seres viventes encontra-se sempre no tabuleiro da desesperança de um porvindouro memorável. Culpados existem mas o medo de indicar as suas baboseiras corrói as mentes dos desafortunados. Por si só engravidaram as suas panças com tudo quanto não lhes merecia, desmerecendo assim, o sacrifício daquele que muito trabalha e pouco ganha.

Cada um deles construiu a sua diocese lá onde almejaram chegar com as suas capelinhas sem pregadores para pregarem os pregos da felicidade daqueles que precisam ouvir e sentir o sabor do pão amassado pelas mãos vazias de fome. Construíram as suas basílicas no íntimo do mar e sob as profundezas das águas lacrimais e que por culpa alheia lacrimejam do penar que vivem no afogamento faminto da vida. Castelos encadeirados sem fiéis, e sem orador, com um protagonista assustado com a sombra das suas penumbras que são inocentadas pela culpa que ninguém tem.

De minuto a minuto, a asfixia visita todos aqueles que têm entrada e não saída, e aqueles que também saem esquecendo-se que nunca mais voltarão por onde saíram por ironia do atrapalhado destino.

Paredes erguidas em solos que se devem ser partilhados, mas os " tudo me pertence" colocam delimitações, até em volta das casas humildes e humilhadas por estarem ao lado das basílicas avarentas.

No pobre enxergar deste necessitado servo de Deus, somos um só e tudo quanto existe é, ou seria no mínimo nosso! A administração das "dioceses-riquezas" deviam ser doadas àqueles que sabem ser antes de ter, pois neles habita e coabita o amor-próprio pelo seu próximo e não por eles mesmos, evitando assim serem o pastor que prega ladainhas num pavilhão onde esteja somente ele, o pastor-rico no caso, as suas cadeiras e o seu intento orgulhoso.

AS BRUXARIAS DA MINHA SOGRA

Na tradição africana quando os nubentes assumem a vitalidade de juntos partilharem as suas intimidades, sela-se um pacto muito importante, que é: " Doravante tu varão serás parte da família de sua varoa, e tu varoa serás família da família do seu varão", ou seja, quando um dos dois tiver que manifestar um descontentamento, ou um desentendimento entre eles ninguém deve ir ao seu parente consanguíneo queixar-se, deve entretanto, dirigir-se a sua nova família, isto se entre eles não navegarem na mesma praia de confinamentos amoráveis. E cumpria-se o ditado dos mais velhos; " quando se casa, casa-se com a família do cônjuge também". Lindos tempos.

Lá se foram os tempos em que isso acontecia, muito embora que em pouca percentagem existam ainda casos semelhantes nos nossos dias. Repito, poucos mesmo.

As parentelas se colocam entre o casal, interferindo em tudo que tem a ver com os seus intentos, até nas questões de intimidade. Os genitores não permitem o desmame oportuno dos seus rebentos não aceitando que já podem voar com as suas próprias asas sem portanto, precisarem mais de um empurrão na construção do celeiro que a vida proporciona aos "noviciados" para a vida a dois. Decidem atropelar os filhos, e dão ainda ordens de como, pela negativa, o filho ou a filha devem jornadear, tudo a seu proveito. E daí brotam as manchas dos desentendimentos entre os cônjuges com os sogros ou sogras e dão aso à entrada do demónio no seio familiar. E por falta de formações sobre o casamento na juventude, os nubentes acabam cedendo aos ataques dos seus pais e entram em colisão com a pessoa que escolheram viver para toda a vida. O que poucas pessoas não sabem, ou sabem e fingem não saber, é o que vou debruçar agora: Quando o pai ao entrar na Igreja de braços dados com a sua filha para entrega-la ao noivo significa que todas as responsabilidades que o seu genitor tinha para com ela passam a ser tuteladas pelo marido. Imediatamente, ela se tornará família do seu esposo e os seus pais passam a ser "parentes" consanguíneos.

Sempre que se constrói o próprio lar deve-se estar seguro de que os pilares assentados na relação foram bem assegurados pela crescente maturidade, não permitindo interferências, venham elas de onde estiverem a vir. Uma vez vivendo com o filho ou filha alheia que passa a ser seu filho ou filha, devesse saber e ter a noção de que sois uma família assim como os seus pais são também uma família e bem assente no seu chão. E quando por imaturidade dos pais, eles manipulam a "fogueira" dos seus rebentos e por imaturidade dos filhos cederem aos caprichos dos seus progenitores, eles acabam perdendo o seu casamento e os seus pais continuarão casados. Prontamente, precisa-se buscar sabedoria a Deus para lidar com a situação e arranjar formas de não chocar com os pais do cônjuge. Como? No momento certo, em que os sogros se encontram descontraídos, deve-se com todo o respeito do mundo, com toda a compreensão e sabedoria chamar-lhes e mostrar-lhes a razão, afirmando-os que eles encarem também como um filho/filha o cônjuge do seu. Não é coisa fácil de se fazer por causa do orgulho que amarfanha o coração dos homens, mas com uma persistência inteligente chega-se lá. O aconselhável é, antes de começar o diálogo, pedir permissão para um momento de oração e quando se estiver na súplica peça a presença dos Espírito Santo para abrir a compreensão de cada um naquele encontro.

A pior dor desta mísera alma que vos escreve é ter tentado tudo e mais alguma coisa para ver se o seu enlace se livra das peripécias que acima vos "vociferou", mas por infelicidade da minha sogra de nada valeram as tentativas de nos vermos desunidos em comunhão com a vitória de uma família que devia ser tudo. E feliz ou infelizmente o divórcio com ela não foi só comigo, mas com a filha dela que é minha esposa, pois ela me pareceu que queria se casar comigo também e a metade da minha metade com um ciúme saudável afastou-a das nossas vidas evitando assim a separação entre nós e a ruptura entre os seus pais.

Desde os "transpostos" tempos o casamento foi sempre comparado a uma pequena aldeia onde tinha um rei e uma rainha, com um reinado frutífero, onde não se permitisse interferências abomináveis e destrutoras.

Queres ter uma pequena aldeia próspera? Respeita o teu reinado sem invejar as lavras do vizinho da tua aldeia, para que as bruxarias da tua sogra não arrombem o teto da tua mansão!

O DIVÓRCIO COMUNICACIONAL

Na minha infância e na de todos os meus contemporâneos brincávamos de "telefonar" uns com os outros usando duas latas ligadas uma a outra com um fio muito fino e comprido. No lado aberto da lata colocávamos a boca, gritávamos ou dizíamos as nossas baboseiras e o comparsa de brincadeira na sua lata metia o seu ouvido e recebia a mensagem que desejava ouvir. Na verdade era uma mensagem deturpada, muito embora que as intenções fossem boas. Mas a saudação chegava!

Ainda me lembro que quando cometêssemos uma asneira, os nossos mais velhos não precisavam dizer nenhuma palavra grosseira, era só colocar o seu olhar afixado nos nossos olhos que a gente já sabia que tinha que deixar de fazer o que estava fazendo pois permanecíamos no erro. E se insistíssemos no erro, aí sim, falava as mãos do nosso "cota".

Quando se está apaixonado por alguém na maioria das vezes não se precisa dizer nada para que a pessoa por quem se está apaixonada se toque nos sentimentos mendigos de que quem a deseja. Um simples olhar, um simples sorriso, uma simples tocada das mãos nas mãos dela, sentar ao lado dela e saber como ela está e o que quer, procura-la em sua casa só pra lhe cumprimentar, oferecer-lhe um buquê de rosas, um oi deslumbrante; são formas de roubar e prender o coração dela que nunca receberás um "não" como resposta. São gestos que falam mais do que uma palavra.

Na administração pública, e aqui não vou me alongar, o gestor não precisa de organizar comícios para tagarelar aos seus "súbditos" aquilo que anseia alcançar para resolver os intentos da população que é o chefe. Precisa-se sim, pôr a mão na massa e " deixar o silêncio fazer barulho". "Meia palavra para um bom entendedor basta". Crucifiquem-me se quiserem!

Tudo que acima me aludi espelha muito bem e de forma "anónima" os princípios de uma comunicação saudável e "palpável".

O orgulho amarfanha todo tipo de comunicação, mais ainda, a falta de confiança, de compreensão, de respeito e de diálogo mata a essência de um ser humano.

Usar a comunicação "muda" através de gestos, de toques, de abraços entre outros que já me referi ajudariam e muito na resolução de muitos problemas que na sua generalidade existem no mundo. Entretanto, auxiliar a comunicação verbal fortifica e vivifica o amor pela vida.

A ELASTICADADE DA VIDA FELIZ

A vida tem valor quando a sabemos valorizar! Ninguém é melhor que ninguém, nem mesmo somos melhores que nós mesmos. Logo, não sou ninguém sem ninguém! Para se estar no décimo andar de um prédio, devemos passar pelo primeiro andar sem pressa e com toda a calma factível!

Há quem que ao se levantar de manhã da sua cama começa a construir a sua infelicidade, pensando negativo, e por conseguinte volta a dormir nos seus ideais melancólicos e moribundos. Querem ter sem ser pensando que o tempo tem tempo de os esperar até acordarem do sonâmbulo romântico. Vivem esvaziados de si para com os outros e no final das contas quem chamar a razão que não lhes pertence.

Há quem diga que "a vida é curta". Eu acho que a vida é curta para quem não sabe viver e senta no tapete do imediatismo! Minha opinião… Mas se for no caso em que devemos evitar desperdícios em tudo o que fazemos, ai sim, devemos montar a nossa felicidade quanto mais cedo para vivermos os seus frutos num horizonte em que os beneméritos sejamos nós sem prejuízo dos outros.

Quando sabemos o que queremos e fazemos o que nos apraz a vida se torna flexível, o futuro extensível, o amor derrama a sua volatilidade, o chão que pisamos se torna maleável e a cama da paz se torna volúvel na força de todos que em nós confiam.

OS OLHOS DO MEU SUBCONSCIENTE

Estou cansado de fazer juras de amor comigo mesmo! É aborrecível fechar um negócio maleável entre a consciência e os olhos que são os meus companheiros fiéis. Comprometi-me em nunca mais olhar nos conteúdos que andam escondidos de baixo da vergonha e fora do pudor que vagueiam dia e noite, nas noites e nos dias que decido sair de casa. Já tentei andar com óculos escuros e nem com isso, me sinto sempre traído e atraído pelas beldades demoníacas que entre cruzam o meu pobre jornadear. Tentei ser e pensar contrário ao que sou para não cair em tentação, mas os meus olhos sempre querem o que o meu coração finge não querer.

Já sou e já tenho, mas o meu subconsciente não se contenta com as minhas conquistas. Quero tudo o que vejo!

Mas também não sou culpado! Andam com as pétalas desfolhadas, esfolheando os seus manjares corpulentos pelas ruelas das urbes com o amarfanhado propósito de desfilarem nas passarelas da cidadela e se esquecem que quem olhos tem, olha em tudo que lhe aparece à frente, as desejando mesmo sem elas saberem; dizem, mas tenho a plena certeza que elas sabem muitíssimo bem. E não é que elas são mesmo torneiras de beleza!

Eu então tenho compromissos comigo mesmo para não romper as minhas alianças, e por conta disso não posso ficar sempre em casa para fugir do meu próprio ego!

Sempre que saio a rua vejo coisas que até o pudor se intimida. Rosas desnudadas pela pobre consciência exibindo aquilo que devia estar guardado em setenta e sete chaves douradas para aquele que mereceria ver, tocar, se deliciar e gozar em simultâneo no momento do enlace para deleitar-se da rica "lua de bel". Infelizmente dói-me sempre a mente porque os tais olhos não me ajudam, pois são eles que quando cruzamos com uma cópia do demónio me fazem ver até aquilo que de mais íntimo ela tem. A minha mente se corrompe e sobe com o auxílio dos meus assanhados olhos até lá, vendo a imagem bem desenhada provocando um delírio tremulado em toda a minha estrutura.

Não posso ficar em casa por causa disso, mas também não quero ser comparsa do demónio olhando aquilo que já tenho em meus aposentos. Cair em tentação é uma coisa, mas se entregar a ela é outra situação. Caio e me entrego a elas ou me levanto e me solto dessas mediocridades e aterrorizantes malícias? Já sei!

Sempre que for às ruelas da minha vila e me cruzar com tais malfeitorias e deturpada nudez olharei para o meu coração e em simultâneo a amaldiçoarei dizendo, sai satanás da minha vida e dos meus caminhos!

A VOZ DO SILÊNCIO

Sempre sonhei ser calado, e viver no barulho que só as assertividades da vida souberam dançar quando as calemas do horizonte caíam em forma de sossego. No acordar dos amanheceres quotidianos, levantavam-se sempre as espectativas de um reviver sobrenatural que roubavam os sonhos daqueles que desejavam sonhar sem o auxílio de outrem para deixarem a insubordinação fazer os afazeres atropelados e atrapalhados das manietas sensações.

Por causa das peripécias da minha ignorância, soltei sempre um sorriso maroto e quando dei por mim estava dançar a música que o meu íntimo cantava sem mesmo ouvir a minha sonante voz, e por conta disso senti a felicidade tomar conta de mim, descobrindo assim o barulho do silêncio que se apoderou dos meus gemidos. Com as vistas entreabertas abracei o meu corpo e me deixei levar pelo som calado e dançante que me envolves a alma.

Olvidei totalmente do sofrimento e de tudo que os barulhos sangrentos do passado me tocavam por inteiro. Decidi ser feliz com o meu pavor e roubar um cântico ameno da fome que arrebatava a saúde. Reneguei definitivamente os registos magnéticos espirituosos e apertei no botão da paz, do bem e do amor colocando as iniquidades que me apavoravam em sono profundo e bem hipnotizado, sem a chance de acordar um dia.

Deixo o barulho se aliviar ao meu silêncio e vibro na trombeta saudosa dos meus apetites para nunca mais dormir nos vozeares sequiosos da imprudência.

O SUCESSO QUE NÃO TEM SUCESSO

Acabava de desfalecer a esperança que nascera nos horizontes temporais de quem o tempo quisera maduro nas suas sonâncias vindoiras. Assim começou a estória do pobre rico que num lugarejo sonhador fez das suas para ver cada vez mais próspero a sua génese, mas a chuvada de pranto visitava os seus intentos sempre que quisesse se originalizar. Mesmo com isso, superou as barreiras montando em montanhas todas as pedras que pelo seu nobre trilho cruzaram.

De pés descalços, corpo rasgado e uma alma arrumada de amor levava sobre si as responsabilidades do bairro rumo à exaltação da sua vitória que também era de todos. Foi o único que preferiu abandonar as lavras e as pastagens, e por conta disso, foi humilhado pois ninguém tinha noção do que ele desejava fazer. Os seus anseios eram de sentar em uma carteira para dar aso à sua formação e conseguir um emprego empreendedor para ajudar os seus.

Andava de quilómetros a quilómetros e quando menos esperou terminou a sua ignorância básica e superou a sua mediocridade entrando na superioridade com a melhor nota de todas e de todos que eram mais luxuosos e aparentemente bem-sucedidos. Tinha sempre bem presente os desígnios que traçou quando básico, que era ter humildade e ser assertivo no bairro que lhe viu a mover-se e nunca esquecer das suas originalidades.

Voltou a sua ancestralidade levando consigo o suor da sua educação para com simpleza exibi-lo e mostrar que valeu a pena o sacrifício de se ter doado para o bem de todos.

Entre ser professor e médico, decidiu ser as duas coisas, porque cada um dos ofícios se casava e salvava qualquer alma dos buracos da morte “eterna”.

Foi ovacionado e posto ao colo do mais velho da comunidade que de seguida pintaram-lhe com farinha em toda a cabeça como reza a tradição da região, ou seja, que o era bem-vindo de volta. Dias depois voltou nas barras da cidade onde foi outorgado para

concorrer a uma das duas profissões que dominava muitíssimo bem, e com intuito de ser colocado na sua longínqua comunidade.

O espanto dos espantos foi nunca ter conseguido a admissão pelos cargos ou vagas que concorrera, por uma desmedida injustiça. Com a frustração da vida virou um "médico professor" engraxador. Curava e educava os sapatos dos seus clientes todos os dias com uma mestria invejável. Aconselhava, chora contando a sua estória a quem passasse diante de si e a maioria das pessoas não precisava limpar os seus sapatos para lhe atirarem uns trocados.

Envergonhou-se dos seus sonhos e nunca mais quis voltar às suas origens por se sentir incapaz de ajudar aos que mais precisariam da sua transpiração e do seu afecto profissional.

Mas com o abraço do amanhecer dos empobrecidos de conhecimentos foi convidado pelo tempo a visitar a sua terra natal. Foi acolhido com um banquete recheado de carinhos que o fizeram chorar sem cessar, decidindo servir sem a autorização dos maníacos, e como leigo, voltou a sorrir, e plantou todas a suas experiências nas suas abandonadas lavouras.

Entre tantas e poucas vicissitudes da vida, não se pode perguntar a um "médico professor", como está constituída a ignorância daqueles que não têm coração! Certamente, a resposta seria "não sei e nem quero saber"…

Deve-se primar pela observância daqueles que pôr um sacrifício abnegado almejam por a "mão na massa" perguntando-os o que sabem, ou seja, deve-se lhes fazer um teste pragmático e mais inteligente, sem perguntar o quanto dá um mais um "sabendo que na ignorância dos insanos venha a ser igual a onze, fazendo com que os sucessos de outrem tenham sucessos.

NÃO VALE SE APAIXONAR

Quando menos esperei, veio-me uma ideia maluca e até vivificante, para apagar as minhas mágoas e as feridas abertas por alguém que me parecia amar de verdade. Fui vigarizado! Esta é a veracidade dos factos! Só que não quis me separar, pois isto não fazia parte do meu cardápio. O coração mordia a minha mente mas preferi coser as feridas com a agulha fervente do perdão. Mas queria vingança.

Prontos! Foi aí que decidi arranjar uma concubina, sem intuito de me envolver emocionalmente, mas queria lograr a ocasião para mostrar a minha parceira que também posso fazer o que ela me fez, claro, sem me doar por inteiro, pez em boa hora que ela foi a sujeita da acção que praticou com todo o prazer, os seus apetites extramaritais quando me traiu, quero crer.

Por sorte ou azar, consegui sensibilizar uma donzela que estava com "todos molhos" e em bons temperos. Propus-lhe as minhas intuições e ela sem olhar atrás aceitou o desafio, e estava seguro que conseguiria chamar a atenção da minha "moela" porque a jovem mulher conhecia a minha sequaz, e era conhecida da minha outra parte. Nunca quis traí-la, e o que eu estava a fazer não envolveria os nossos sentimentos de paixão. Até certo ponto, seria uma diversão de chamada de atenção.

E depois de tudo combinado, tive que dizer à jovem: por favor, não vale se apaixonar. E nos acordamos sem complexos de inferioridades e nem de amores e de paixonetas.

Quando eram vinte e duas horas, hora que sempre estávamos na cama para descansar os nossos esqueletos, Marlene como era carinhosamente conhecida no bairro, envia-me uma mensagem que dizia: Amor quero te ver! E a minha "dona" toda empolgada pergunta quem tivera enviado mensagem naquele instante! E eu bem folgado respondi: É a Marlene querida. E o que ela quer? Prefiro que não leias porque essa miúda é assanhada! Repliquei. Agora quero ver o que ela te disse, porque essas miúdas do bairro

são muito atrevidas. Sem oscilação da minha parte entreguei-a o telemóvel e com os seus próprios olhos e coração leu.

Olhou pra mim com uma cara pasmada e de desprezo. – Você está me traindo?

Remoeu em mim o facto de ela me ter traído com outro sujeito e tinha uma coragem de feiticeira ao me fazer tal indagação! Não amor, respondi. Mas como é que é possível essa vagabunda ter o teu número de telemóvel. Foi você quem a deu? Não fofinha. Ela toda chateada exaltou-se e chamou todos os nomes feios à minha concubina, que não era minha amante, na ausência dela sem ela saber que todos os nomes que ela chamava a Marlene se cabiam bem nela, ou seja, aquelas asneiras, xingamentos eram mesmo para ela, e eu todo irónico ria-me da desgraça dala. Amanhã vou ter com ela porque você é meu e de mais ninguém. Não sabia que eu era propriedade dela! Com toda finura do mundo defendia-me a dizer que não tinha nada com ela e não sabia como conseguira o número do telemóvel.

A nossa humilde cama e ela atiraram-me ao chão, onde passei a noite inteira. Durante aura, despertei e olhei pra cama, a senhora minha esposa não estava na cama. Os nossos, mas meus planos começaram a dar certo! Coitada da Marlene sem esperar, viu-se sacudida ao ver minha esposa gritar na porta de sua casa, com todas as ofensas factíveis, muito embora que ela já sabia que tal facto aconteceria cedo ou tarde. Como ela, a Marlene sabia do pacto que fizemos, ela não gritou e foi bem-educada mostrando que era minha apaixonada e estava em namoricos comigo. Eu do outro lado, assistia tudo pela janela. Como Marlene estava pela janela, a minha sem vergonha voltou a casa toda rabugenta. Preparou-se e foi trabalhar. Neste dia preferi não ir trabalhar e marquei um encontro com Marlene para pôr a conversinha em dia. Quando ela chegava, fitei pra ela e o meu coração estava a querer que o planejado fosse verdade. Ao chegar, ela dá um beijo na minha boca e diz: mereces, porque não é qualquer mulher que aguenta fazer esse papel sem se evolver intimamente. Nunca tinha recebido de presente um beijinho extraconjugal. Confesso, que foi prazeroso!

Tive que lhe repetir sem querer: Não vale se apaixonar. E ela novamente me beijou de forma bem demorada e com o assanhado consentimento do meu coração, e me replicou: Sou sua apaixona faz tempo seu bobo. Nunca deste conta?

Fiquei selado comigo mesmo e boquiaberto. Por acaso, e sem pensar lhe disse também te quero!

E pronto. Adivinhem o fim!

O CORAÇÃO QUE A CARA NÃO MOSTRA

Não há história nenhuma na vida que não vira passado! E todo passado se constrói com uma linda história de amor ou uma decepção amarfanhada de amarguras. Logo, o passado predomina a vida de qualquer ser animado.

O espírito de liberdade que a vida dá a cada indivíduo, faz muitas vezes com que, o que a cara retrata numa fotografia real não é de facto aquilo que o coração é! Muita gente monta uma sombra maquiada de pensamentos e ideias que escondem os malabares que moram no seu ego dificultando a interpretação de si mesmo e de outrem.

Quando vejo homens e mulheres maquilhados, examino a contramão em que os seus intentos se encontram e a vontade de serem belos sem mesmo que a beleza seja seu opositor. Vendem o grande amor que vive além da vida e parte das suas partes não lhes pertence. Doam a sua renascença ao passado que nunca merece viver no presente.

A aparência deve ser além daquilo que somos, pez em boa hora, que ela engana e se corrompe com os prazeres que o tempo nos mimoseia, mesmo assim, devemos casar com aquilo que realmente somos e temos. Ser o que não somos, tendo o que não temos, nos fará acordar nas almofadas chorosas que nunca existiram.

Ser-se que se é, é a mais sublime e honrosa forma de aceitar o nosso ego.

MULHER É ROSEIRAL QUE BROTA ROSAS

O que recito agora vem rabiscado há tempos na minha alma e vos confesso, que isto não é uma crónica, nem tão pouco são palavras poematizadas; não é uma homenagem, nem uma simples ilusão de canto que vos professo. É tudo isto, e mais alguma coisa.

Os seus valores vêem-se sempre que os seus espinhos românticos avermelham o coração da natureza que se faz ciumado pelo dom que só ela tem. O seu pólen gera as preciosidades que sobre o universo assentam.

Sobre ti (mulher), vivem os variadíssimos significados que embebedam cada cor que carregas sobre ti:

És vermelha, por seres amor e espalhares a tua afeição aos mais necessitados;

És o tom da inocência que se esconde na brancura onde vive o jardineiro apaixonado;

És o sol amante e brilhante que consola a aurora de cada um nas manhãs friolentas que dão vida e energia;

És amarela porque não te doas aos caprichos ambíguos que os sem noção te maquinam;

És da cor versátil, por expressares admiração e forte emoção no paraíso melódico que dança com a sua beleza inspiradora;

A renovação da esperança faz de ti uma verdura esverdeada sem procurar troca de si mesma;

Em suma, és o misto de cores que dá brilho à vida que nos circunda. As tuas pétalas espalham o melhor dos aromas neste vasto jardim de belezas coloridas e meio apaixonantes.

O céu amarfanhado de orgulhos, despreza o teu existir, tratando-te como uma mola frágil e sem apoio, esquecendo-se que a sua fragilidade espinhosa dá caminhos no jornadear de cada uma das células que de ti dependem.

De que falo afinal? Falo de ti mulher!

Tu és o pôr-do-sol do amor no horto que acolhe e doa o que mais de profundo tem. A vida!

O Ser dos seres escolheu-te mulher, para seres luz que dá brilho no primeiro e último dia das nossas vidas. Tu és a voz do poeta, porque em cada poesia te fazes presente sem mesmo dares conta que lá estás.

Tu és rosa que geras rosas, pois sem ti, o mundo não existiria. Não foste a primeira a ser criada pelo Criador, mas és a primeira luz que dá visão à natureza.

QUEM LUTA COM UM DEMENTE, DEMENTE É!

Ia passando pelas ruelas do Lubango, e quando menos esperei apareceu um compatriota com a aparência ofuscada, e um olhar esfarrapado, confesso que não o tinha visto antes, e sem mais e nem menos, lançou-me um ferro, que só não me atingiu a cabeça pois o destino foi meu cúmplice. E eu todo pasmo e sobressaltado, pois não fizera nada para merecer tal barbaridade, procurei ver quem era, e vi um jovem desesperado a passar por mim com toda a calma do mundo e na maior naturalidade, e por cima como se tivesse ele a miúda razão, vi um rosto inocente e sorridente que se simpatizou o meu mundo ingénuo deixando-me todo revoltado a ponto de quer devolver a ferrada que me atirara, muito em boa hora que o tal ferro estivesse em suas arrependidas mãos. Parei todo trémulo e conversei com a minha camisa: Esse jovem é um irmão que sabe que não sabe o que faz, muito embora sabendo que ele não é ele mesmo, pois não merece a mesma agressão com a qual me instaurou!

Fiquei chocado com a irónica resposta da minha camisa; respondendo-me: Seja você mesmo e não ele, mas entre nele para seres você mesmo a se esbofetear. Oh senhora camisa, tenha a santa paciência pha! Respondi eu, todo nervoso. Então esse "cara" me atira o ferro e fico na boa a olhar!?

Preferi não discutir com a camisa pois ela tinha botões que me convenceram a vestir-me no corpo daquele pobre rapaz, mesmo eu negando por cima, e aceitando por dentro dele e de mim mesmo vivia uma pureza de inocência saudável.

Hoje, por hoje e nos dias de hoje, epha desculpem-me lá a minha apetitosa ignorância, o ser humano deixou de ser ele mesmo, tudo porque não admite ser ele, nem tão pouco o outro, pois a sua sensibilidade se sobrepõe as suas próprias vontades e aos seus próprios caprichos, olvidando que sozinhos somos nada neste mar de satisfações sedutoras.

Ninguém consegue dar a cara sem esperar uma moeda robusta de vergonha! E assim vamos caminhando sem ao menos nos conhecermos.

Meu amor, não é digno nem honroso quando alguém te dá uma chapada e tu respondes com dois socos? A "humildade então é sinónimo de sabedoria", não sou eu que digo, mas as peripécias da via, aliás, " um vencedor não luta! "A violência gera violência". Essas frases não são de minha autoria, mas eu tenho uma comunhão com elas e espero que a partir de hoje também te comprometas com elas; sei que não é fácil, mas outrossim sei que é factível construirmos uma aliança com elas e sermos mais felizes e fazermos felizes aqueles que precisam de um empurrão nosso, nem que seja com o dedinho da nossa mente.

Lutar pra quê?!

Existem sujeitos com a mente demente mas uma vida saudável, muito embora a sua aparência não demostre. Na verdade existem também aqueles que são dementes na mente, no corpo, no coração e no espírito, esses somos muitos de nós que achamos ser os mais lúcidos, porque temos um teto, e uma mansão de manequins dentro de nós, sem saber, sabendo que somos cadáveres ambulantes. É verdade! Se não consegues te solidarizar com aqueles que se manifestam humildes, mesmo sem razão, és pior que eles minha camisa.

Precisamos de despir o manto da insatisfação psicológica e deixar a vida nos levar sem sentar e nem pisar na cabeça de outrem. Aceite ser derrotado para venceres com mérito.

O que queres afinal?

CEBOLADAS DO MEU MINISTÉRIO AS

Conquistado pelos aromas do meu ministério, senti-me na obrigação de degustar os pratos aprazíveis com um tempero acebolado, onde não faltou o perfume do alho da felicidade que escasseava nos menos assegurados do meu nobre bairro! É verdade o que lhe digo, mastiguei as desventuras de outrem na lavra da tia Minga, para mendigar a farinha de mandioca que não me pertencia, mas tive que tirar partido dela, para sarar as feridas do ofício, sem esquecer a tia Mingota, que era a dona da nossa lavoura.

Contemplado com a cozinhada de todos os tios, que eram e não eram também da tia assanha Mingota, revi e revivi todos os instantes as peripécias pelas quais passaram os meus circunjacentes amigos da porta ao lado, que na verdade dos factos, estavam bem melhores que eu, por serem bem humildes e comerem do seu próprio e amado sacrifício, passando essa experiência aos seus sequazes mais adjacentes.

Mas o que me devora a alma, é saber que muita "boa gente" usa dos seus sacrifícios batoteiros para saquear a dignidade de outrem e elevar a sua misérrima auto-estima pra lá dos horizontes vitais e deixar a aqueles mais precisados sem uma cebolada no seu prato! Isso sim me sacrifica até as mandíbulas!

Entre as mergulhadas do meu ministério, existiram sempre aqueles lamentos lamentáveis que usurparam a dignidade forjada, na veracidade do tio tudo, ou seja, do manda chuviscos e mais alguma coisa, usando aquelas manobras perigosas, que mesmo estando na contra mão, com uma velocidade fugais e paupérrima alimentavam os seus umbigos sem mais quererem saber da escassez dos seus paralelos. Pois, tinham o mundo nas pontinhas dos dedos malhados com a doçura amarga das suas ansiedades.

Bem ou mal, no coração de cada um dos intervenientes desta multidão a que chamam de mundo, e eu invoco como balaio, cada um tem o que merece e mais alguma coisa; é verdade, mais alguma coisa, pois a pobreza no dicionário dos avarentos não

coabita nas suas manipulações, mas sim, a riqueza é das mais brilhantes homenagens que já mereceram antes de virem na equipa da multidão, balaio como quiserem.

Forjar, manobrar, manipular, dominar, jogar limpo na sujeira e maquinar emblemas de satisfação exclusiva sempre foi uma golpada ousada do tio manda chuvisco que vive até em nós mesmos nos mistérios doloroso da vida.

Se na nossa cebolada incluíssemos uma pitada de amor, um acto de humildade, uma casa de papel dourada sem se esquecer daquele picantezinho para adocicar a felicidade do irmão, seriamos os mais amáveis dos seres entre a multidão no balaio!

É hora de despirmos o pijama do orgulho, da satisfação omissa, é hora de manipularmos o nosso espírito com sensações de doação para sermos nós mesmos o tapete pelo qual, os que estão entre a multidão, assim como nós, vivam como nós mesmos, ainda que venha a ser para terem uma provedoria ao raiar da alegria, no assentar do sorriso, e no apagar do padecimento.

Sei que podemos! Sejamos o outro para que ele viva em nós também! Sejamos aquela cebolada que ao sentirem a nossa ausência, o olhar lacrimejante de outrem não seja de penar, mas um dia ter conhecido o sabor da vitória triunfante.

AMOR DESPERDIÇADO

Namorei durante muitos anos da minha vida aquele que era a minha inspiração. Estávamos doidamente apaixonados um pelo outro. Nos beijávamos duramente sempre que estivéssemos agrupados, e construímos uma fusão cheia de alianças indissolúveis. Ninguém tinha um amor como o nosso, nem mesmo se parecia com o amor da lua quando sacudisse o seu charme nas luzes das estrelas clarinhas. Amor igual nunca existiu, existindo apenas entre eu e aquele que eram os meus intentos.

O tempo foi transpondo e o conhecimento entre nós era maturado pela fusão solidificada na liquidificação das sensações que vibravam dia e noite nos nossos âmagos. As minhas intimidades eram dela e as dela minhas. Eternamente, quando chorássemos tínhamos os ombros um do outro para enxugar as lágrimas.

Nos tornamos na matemática do casamento, onde um mais um é perpetuamente um. Vestíamos os nossos problemas e os despíamos juntos. Nunca precisamos de ter padrinhos para acudir as lutas que tivéssemos dentro dos nossos carinhosos lençóis! Sonhamos juntos os mesmos sonhos, e acordávamos sempre bem-aventurados porque os nossos sonhos eram realizáveis; tirando aqueles que imaginávamos nas noites em que eu estivesse acordado e você dormindo, e vice-versa.

A nossa familiaridade era cruzada e arquitectada pelo destino. Pra nós, infelicidade não fazia morada nos planos celestiais abordados desde o primeiro dia que nos conhecemos e nos beijocamos. O mundo era todo nosso, e nós do mundo. Nunca vi tão amável cumplicidade entre dois envolvidos que viviam na mesma corporalidade.

O nosso sonho foi sempre querer dormir para não acordar para o outro lado da moeda, pois ela era diferente daquilo que já estávamos vivendo.

Repousávamos na mesma cama, nos tapávamos com os lençóis da paz e do bem. Brincávamos de ser crianças, muito embora ainda o éramos. Quando se fazia sol não dava vontade de levantar porque

ainda morava em nós aquele calor que nunca saiu do consórcio que casamos no dia que nascemos.

Os nossos progenitores são meus e teus também desde o dia que viemos a este mar de felícias e nos ensinaram a não caminhar a sós. Aceitamos o compromisso de continuamente vivermos adunados.

Quando menos esperamos, demos conta que subimos tão alto, tão alto, sem sequer nos precavermos das quedas que a vida nos pregaria, ou que nós mesmos pregamos à vida. O nosso amor descongelou com a queda abrupta conquistada por nós, por pensarmos que continuaríamos menino para todo o sempre, amém!

Tive que levantar e dar-me uma chapada na cara, para dar conta que já éramos adulto e eu e os meus sonhos não tínhamos feito absolutamente nada para que o meu casamento com os meus sonhos se realizassem num abrir e fechar das portas, ou ao menos abrir das janelas.

Hoje por hoje, nos culpamos um ao outro e não conseguimos encontrar o verdadeiro culpado das nossas infiéis bem-aventuranças, por causa da nossa cegueira espiritual, muito em boa hora saibamos de quem de facto era a culpa. O que a nossa insensibilidade nos leva a não acreditar mesmo vendo aquilo que vemos!

Plantamos, agora comemos dos nossos palatáveis frutos. Não sabia que o amor desperdiçado existisse. Só ouvia dizer!

A VAROA DO "TCHIMBANDA"

Por culpa do destino e das minhas brincadeiras, meti as mãos onde não devia, e por castigo não vou queimar sozinho. Vos levo comigo! Hora vejamos, pela pobre idade que tenho mas encharcada de benignidades, me senti na obrigação de abordar um tema que ninguém, ou nunca antes tinha sido abordado, se não eu o tal assanhado. Prontos! Sem mais voltas, quero falar-vos do caiumbismo, que nas terras onde vive o meu umbigo tem um outro significado, e por estas terras tem um outro papel, bem diferente, claro, mas com a mesma sinonímia. Sejam bem-vindos a bordo.

Cada ser, refiro-me a homem e mulher, sem ser machista, tem a sua respectiva missão lá onde está, sobretudo no que é e faz, quero repetir, que não sou machista, e essa realidade não está distante no casamento. O esposo é o marido e a esposa é a " marida", pronto falei, e nesta ordem de ideias, existem fêmeas, me desculpem porque não são esposas, que querem e se tornam esposos nos seus casamentos por causa do orgulho, e de outras coisas mais que falarei ainda nestas entre linhas.

A nossa sociedade finge não existir este misterioso problema, digo misterioso porque vive e revive no mundo oculto que se vê, e muitas famílias fruto destes frutos estão desamparadas e com as pernas cortadas, sem sequer uma moleta de moral para continuar a prosseguir o projecto divino no lar, que é a harmonia familiar e o bem-estar dos filhos. Lembro-me com muita dor a história da rainha Jezabel, esposa do rei Acab, que era manipuladora, dominadora, idólatra e tudo de mau naquela época, por deter o comando ou o reinado, primeiro no seu lar e depois

no reinado que era do esposo sendo dela. Infelizmente este espírito de Jezabel ainda reina na vida de muitos casais, onde a dama com a vontade de ser o cabeça do lar, em alguns casos, noutros casos trémula por não se sentir segura, vai ao senhor, tio tchimbanda para buscar o pó da satisfação individual para ter o marido só pra ela, e não partilhar com mais ninguém, pois na nossa rica cultura, é costume um homem ter mais de uma esposa, e quem não segue essa tradição é "boelo", assim como eu e alguns de vocês, sem ao menos saberem que assim já são iguais com o tio que dá o pó da maravilha, muito em boa hora que muitas quando vão pra lá sabem muitíssimo bem das consequências e das vantagens, se é que há mesmo vantagens, e se sentem as donas do rei Acab.

Infelizmente o varão é e será sempre o último a saber, e quando o destino decidir contar, pois depois os chifres crescem em toda a parte do corpo e o macho nem se quer consegue entrar pelas portas da sua própria felicidade, sem falar pelas janelas gradeadas. Existem mesmo varoas que têm um amarfanhado coração individual e herdado pelos seus sequazes de raiz.

Dói ver um macho usar soutien na mente por culpa daquela a quem ele ama cegamente, tornando-se mais uma mobília de casa bem decorada que quando vê a varoa chegar o corpo vibra de arrepios sem mais nem menos. Não sei vocês, mas isso dói, corrói, molesta, afoga as lágrimas penduradas daqueles que têm lucidez, audição e visão apurada.

Essas são possuídas pelo espírito de Jezabel, diga-se espírito satânico por terem uma aliança com o tio diabo e por estragarem o filho alheio. Numa ministração perguntei se alguém naquele lugar gostaria ter um filho " paiado" e

como sempre ninguém a resposta foi não! Mas eu sabia que lá dentro tinha algumas "Jezabeis" com um olhar desmatado e bem apurado para esconder quem elas de facto são e sabem fazer.

O problema dos problemas é você levantar o dedo e dizer que tu és Jezabel! Viria logo a pergunta: Prova que sou o que dizes? Como provar se não conheço o titio!

Segundo a história, Jezabel teve um fim trágico, por conta das suas acções maquiavélicas; o seu corpo foi comido pelos cães, e essa maldição passou em todos os seus filhos.

Queres ter o teu esposo só pra ti meu bem, segue esse conselho que não é de minha autoria, e cada uma entenda como quiser, e se precisares da minha explicação relê o texto todo e saberás, e o conselho é: "Um varão só é varão quando tiver a barriga cheia e o saco vazio"… Problema resolvido!

VELA DA SAUDADE

Nunca supus que seria o que sou hoje, porque idealizei que seria desprendido dos meus desígnios e das minhas baboseiras actuais e confidências. Tive uma infância de menino e de adulto também sem sequer me dar conta. Apenas eu era radiante! Queria eu, voltar nas ocasiões que a vida me tinha prendado com algumas pregas preciosas em estilo de vela saltitante e poéticas por causa da inocência que soprara o meu prazo ido.

Jogava bola de saco, calçava um pé e o outro prosseguia desempedrado, corria com um arco guiado pelos meus próprios desejos, vestia a sabedoria dos mais idosos loucos, roubava na panela de feijão quando estivesse de férias na casa do meu saudoso avô e o meu tio dizia que seria descoberto porque basta-se que colocassem a lupa sobre a panela descobriam logo que fui eu o salteador. Eu era feliz! Lambia na lata de leite, andava de calções rasgados na cauda, brincava de papai e mamãe, onde eu nunca aceitei ser o filho pois o pai no piquenique comia mais que os filhos, já atirei pedra na panela do vizinho e deram-me uma corrida na qual ganhei mas quando cheguei à casa deram-me uma surra com o cinto da educação. Eu era feliz e não sabia!

Trancavam-nos em casa mas saiamos para brincar com os nossos sequazes, e assim que o pai e a nossa mamãe chegassem o meu irmão mais novo me queixava por eu não lhe dar "lá" duas colheres de arroz para o segredo de termos saído sem a autorização dos nossos progenitores. O meu vizinho era também meu pai, e isso sabemos bem porquê, que era assim!

A nossa televisão era preto e branco e a antena era um garfo que colocávamos por traz da TV. Um aluno da 2ª classe já sabia ler, escrever e fazer uma boa redacção, claro que menos eu, pois eu tive que ficar dois meses na fila dos burros apanhando dos colegas, e só assim aprendi a ler, escrever e a relatar factos que tinham a ver com aquela época. Quando me mandassem à praça fazer compras, fazia tudo, por tudo para diminuir nas compras para comprar "kalifi" (pastéis de farinha de milho), e de regresso a casa levava uma velocidade mínima para que não chegasse à casa com

a prova do crime, conquistando assim a minha própria maldição, maldição essa que não me actuava pois eu era inocente. E que inocência, né! Tínhamos brincadeiras saudáveis, jogos de quebra a cabeça que nos ajudavam.

Quando mais crescidinhos já sentíamos vontade de ser acarinhado por uma garota, facto pelo qual, nos levou a estudar as "dicas"; escutávamos as músicas dos músicos Leandro e Leonardo nos gravadores que emitiam o seu som através de cassetes com fitas magnéticas. Com um caderninho e uma esferográfica, ouvíamos um trechinho da música e metíamos pausa para escrevermos a música no caderno, até acabarmos de escrever as pregações que nos tornaram no senhor arrependido de hoje. Depois disto tudo íamos à estufa onde arejava o ar da paz e da esperança para estudar as rimas suadas que serviam de conquista às mais belas raparigas que só naquela altura existiam, diferente da de hoje, sem desprimor. E no Domingo, jornadeávamos pelas ruelas da cidade, sobre tudo na cidade Baixa e no Bairro Académico, e os meus sabem bem do que falo.

Só havia um problema! O medo de conquistar as maiores beldades que cruzavam o nosso passear, pois nunca treinamos a nossa psique a livrar-se dos tremores naturais que já vinham connosco desde o berçário.

Lembro-me da primeira jóia que chamei com toda sapidez e todo o apreço, e ela sem titubear apareceu toda irradiante e com aquele semblante doce da nossa temeridade e cumprimentei-a, seguido de uma correspondência jubilar. Procurei saber de onde ela era, mesmo a ter encontrado no muro da sua casa e ela respondeu-me satisfatoriamente, me parecendo que ela também me queria por perto, e me atirei nela com os versos alheios que naquela hora eram meus. Quando menos acreditei, engoli a minha própria língua esquecendo tudo o que tinha decorado e fiquei sem saída porque havia deixado o meu caderninho de "conquistas", que me facilitaria consultar no mesmo instante, quer dizer, com uma coragem que também não era minha. A única palavra que consegui fazer fusão naquele distraído momento, foi: "De tudo que já lhe disse, resumo, em estou apaixonado", mesmo que não havia uma ligação semântica serena para completar o sentido da frase! E ela mirou o

seu olhar pra mim com um sorriso arrepiante no fundo do seu afrontar e me disse: “Até que gostei do teu jeitinho, mas ainda vou pensar”!

Ufa! Pensei que pela primeira vez receberia de antemão um NÃO, mas fiquei com aquela esperança esperada, pois eu já sabia que as damas da minha conjuntura não se entregavam na hora, davam ai uns três ou quatro meses para ver se a malta as queria mesmo ou não, e naquela de ir passando para saber da resposta gastávamos as solas dos pobres sapatos que ainda já estavam encharcados de remendos.

As velas das saudades moram comigo até aos dias de hoje, querendo eu voltar, mesmo sabendo que isso não só é impossível, como também é saudoso festejar:

Seguira-se os momentos que por si só diziam, agora és homem e luta por ti mesmo. Ai sim, comecei a ver a vida a girar em volta daquilo que nunca pensei. Chegou o momento em que era preciso ter maturidade, querendo ou não!

Senti-me varão, fiz fusão com várias varoas até chegar naquele ser moldado que quer voltar a ser criança.

Escrevi e continuo a escrever a minha própria história, neste vale de alegrias e tristezas que muitas vezes me trazem o antiquado, bom e mau.

Solução; aceitar que hoje tem quem está passando pelo que passei e viverá melhor a sua época. Estes que me refiro são os meus filhos.

Tirando as peripécias da vida, me orgulho do adulto criança e encantador que sou!

AS AMARGURAS DO FRUTO DOCE

Há muito que me apetecia provar do fruto proibido, que se diga a bono da verdade que é saboroso mesmo sem ter provado vivamente, se bem que na minha mente já lhe tinha comido variadíssimas vezes. Como a minha mente tem poder! Então, decidi me aventurar nas praças da loucura, saindo de casa sem o propósito de cair em tentação, mas como a carne é fraca, como dizem me deparei logo com uma menina que carregava dentro e fora de si um corpo estonteante, parecendo uma Cinderela que foi fabricada num feriado ameno onde só o vento soprava em forma de prazer. Sinceramente falando, fiquei boquiaberto, pois dentro daquele roupão morava uma estrutura em forma de violão. Decidi não olhar com os olhos de olhar só que feliz ou infelizmente olho do coração continuava com aquela imagem esbelta que me deixava sem respirar e seguir o meu pobre caminho. Juro que vi tudo lá dentro, as portas e as janelas, as curvas e contra curvas, em fim, nadei nas profundezas daquelas paisagens

Por ironia do destino a menina moça caminhava em frente de mim, numa posição vertical e horizontal e senti-me num engarrafamento estremo e não tive como fazer ultrapassagem à na " mão direita " para não infringir o código de conduta moral e cívica. Senti os frutos da beleza que me envolvia a alma na proibição daquele instante.

O agravante é que saí de casa sem querer violar as regras de convivência que viviam em mim, mas a ocasião se tornou tão oportuna que cai em tentação, mas na tentação que só eu sentia, pois ela não sabia que eu estava a falar com ela no meu pensamento.

Por um instante, lembrei-me que já sou esposado, mas a vontade era mais forte que o compromisso que assumira no altar da felicidade, onde todo mundo era testemunha, inclusive as paredes e o meu traiçoeiro coração que não me estava a ajudar em nada.

A cada momento sentia-me um grande varão as espera das aberturas da varoa, só que até aquela hora ela não sabia que eu

estava ai a deseja-la no meu íntimo, e como dei conta da distracção dela peguei na minha buzina e liguei logo o pisca para ultrapassa-la e quando menos esperei, muito embora querendo, o meu retrovisor bateu no dela e só assim ela deu conta que o meu corpo andante estava ao seu lado e logo paramos em paralelo para com o meu propósito de propósito de lhe pedir desculpa, pois a pancada não foi leve não. Então ela estava distraída!

Ela toda inocente e assustada parou o seu maravilhado corpo, com uma cobertura semi nua, na verdade é o que me tinha atraído, e me pediu satisfação. Eu todo babado, não conseguia tirar os meus pobres olhos dos seus faróis e pedi-lhe as minhas honrosas desculpas. E ela fitando nas minhas babas emocionais descobriu que eu estava amalucado por ela e de imediato deu-me o seu contacto e a sua morada, que era bem próximo do inferno. Inferno porque estava disposta a levar-me com ela por ser essa a sua missão. Olhei à minha volta, e não tive se quer tempo de aceitar as fortes e persuadíveis ofertas que vinham somente do seu olhar barbante e sedutor e dei logo meia volta porque acabei esquecendo para onde de facto queria ir. Chegado a casa, encontrei aqueles que o meu coração ama, os meus rebentos e as minhas roseiras de flores. Eu distraído, levantei a minha mão e dei um tapa na minha consciência, e acordei os instintos que estavam adormecidos e me vi acordado da insónia dormente que acordara os desejos que eu podia satisfazer em minha casa com a minha a metade das minhas metades.

Olhei pra mim mesmo e não me revi naquele momento na pele daqueles que saem e caiem com qualquer carro que encontram nas ruas do prazer sem sequer saber se as suas cartas de condução estivessem caducadas ou não.

Aprendi que na rua existe todo o tipo de apetites, porém, não devem ser saboreados, pois a carne que em casa fica é muito mais saborosa por estar coberta de razões, e de muita atracção conquistada com a bênção Daquele que faz o que nunca se deve destruir.

Assentai, que sempre que sair de casa devo deixar as minhas emoções e os meus desejos com aquela que é a dona dos meus

apetites e na rua só existe seres iguais a mim e não seres opostos ao meu varão, ou seja, para o meu gosto e o meu bem, tudo que é boneco andante é homem como eu.

AS FOFOQUICES DA MINHA VISINHA

Nos meus tempos de criança quando quiséssemos ouvir as conversas da casa adjacente, colocávamos o copo de vidro na parede e todo o mistério era revelado aos nossos ansiosos ouvidos. Já telefonamos naquela altura em telefones de lata, onde colocávamos um fio comprido entre as latas e a comunicação era um sucesso amistoso e humilde.

Lá se foram os tempos, e cá retornaram as lembranças mais vivas que já presenteie e presenciei no tempo e que muitos "candengues" dessa época nunca sequer experimentarão os prazeres inolvidáveis que ovacionamos.

Falando da minha vizinha, a tal, a "mamoite", a coroa que sabe tudo de todos no bairro, não é que ela chegou até mim para me contar as "malambas" da vida dos nossos semelhantes! E eu que já lhe conhecia "mbora", rasguei um sorriso simulado de quem queria ouvir, ouvir tudo, e coloquei os auriculares psicológicos nos meus ouvidos e os meus óculos invisíveis olhavam para ela sem que ela se desse conta da minha atrapalhada ficção, sem me esquecer de cobrir os pobres ouvidos com o manto da sagrada desunião dos que se metem em tudo e todos!

E ela já começou a tagarelar; Estás a ver a vizinha Maria? Sim, respondi! Ontem chegou as duas horas da madrugada e só escutamos já um barulho de chapadas e paneladas, e ela a gritar socorro, vão me matar. Eu dentro de mim não estava a escutar nada, nadinha de nada, mas por fora o meu coração queria me trair. E ela me perguntou: Não ouviste? E eu; não vizinha. És muito desatento!

Mas vizinha, aquelas horas não é hora de dormir? Não! Respondeu. Eu essa horas fico bem com sonolência, até porque geralmente é a hora que a vizinha Maria chega à casa e não tenho dúvidas que tem vindo da casa do vizinho Maurício, o amante dela, que corneia o outro.

Fiquei cansado e pedi licença para me retirar e ela toda zangada comigo por não me acomodar com as expectativas dela me

mandou um "sai daqui" científico e sai que nem um passarinho esvoaçado.

Quando cheguei a casa o meu coração me insinuava a numerar na minha esposa o que a vizinha me contara, só que entrei bem dentro do meu eu e vi que se contasse a minha cara-metade eu seria como ela, ou seja, seria fofoqueiro também. E ai pisei no freio e não disse nada, muito embora que quisesse faze-lo. Fiquei aflito, a minha rosa olhou pra mim, querendo saber que luta estava dentro de mim, porém, fui mais atento e disse a ela que tinha escassez de alimentação dentro de mim. E ela toda amável encheu-me a barriga e ao mesmo tempo desaviou o meu saco, deixando-me mais aliviado e sereno.

A partir daquela data, tive temor de me cruzar com a vizinha fofoqueira, pois ela precisava de um cúmplice e desconfiava eu que me escolhera para ser eu o comparsa dela, facto que metia a minha flor-de-raiz toda cimentada. E por conta disso já cheguei a perder alguns dotes da minha amada.

Tirando esse aspecto amarrotado, a minha vizinha tinha umas curvas que fazia qualquer esqueleto andante tropeçar nos carris do prazer, mas eu não via estas qualidades nela, somente os meus apetites malandros se aventuravam neste mar cego. Juro que eu não olhava pra estas qualidades dela, apenas me focava nos defeitos dela que eram ruins.

Pronto! Cortei a raiz pela raiz e nem sequer lhe dava firmeza, muito em boa hora nas altas horas da noite fiscalizo o perfil dela no facebook para somente visitar as montanhas que a minha linda convizinha carrega no seu corpo, e não na sua mente, mas isso tinha de ser depois da minha amada dormir e lhe satisfazer as vontades, senão a gaja não sentava no sono dela.

Se também sou fofoqueiro, ou não, isso não me importa! Talvez o seja no mais secreto do meu íntimo, pois o que eu sei, é que só partilho com o traiçoeiro do meu coração, que algumas vezes me insinua a revelar os nossos segredos quando cruzo com ela através no meu olhar.

Não quero ser fofoqueiro activo, sai satanás!

A MATURAÇÃO SATURADA

Andava alguém algures muito exausto e pouco paciente, por saber que o sol nascia todos os dias na sua direcção e ele permanecia néscio com a tal constância. Queria ele que o seu brilho nascesse em direcção contrária, porém, ele não fazia nada para que tal facto se concretiza-se. Numa certa noitada, no seu agasalhado sonho, deparou-se com todos os desígnios executados e decidiu lá permanecer. A vida era um mistério gozoso, pois que tinha tudo que almejava.

Por lá era o empresário, dono de todas as posses e mandava como lhe apetecesse. Apareceu-lhe uma menina em véu estonteante e a pediu em conjúgio. E como homem algum nega tal facto, o levaram ao altar foi casado. Em casa, cruzava as pernas entre a preguiça, e assista a verdadeira novela da sua vida, naquele mundo de onde saíra, sem saber que era ele o actor principal.

Do outro lado da vida, dominava nele uma pausa de vontades no trabalhar e por isso não tinha nada que lhe equivalesse. Mas estava na outra dimensão da existência onde descobriu tudo arrumadinho, esquecendo-se que ele devia no mínimo cooperar com algo prestável. A sua concubina era cortês, contrária a da vida verídica. Dava-lhe toda massagem necessária sem pomada alguma, ocorrência que lhe tornou mais ambíguo. Não fez nada para granjear o que estava vivendo, mas mesmo assim mereceu, tudo pra ver se despertasse quando desadormecesse.

A vida era um rio de águas paradas que ao mesmo tempo voltavam para trás. Os seus empregados eram mais ricos que ele, porque se sacrificavam para terem o que têm. Certo dia lá naquela comensuração, menosprezou a sua consorte e ela com toda a afeição de consideração deu-lhe uma bofetada bem dada, que ao esquivar foi direitinho parar na sua cabeça, e sem esperar acordou do doce pesadelo de fantasia a gritar amargamente, pois voltou naquilo que ele era de facto, o homem sem sonhos executáveis. O rapaz voltou a ser o lobo pateta que era antes.

CALVÍCIE; FEITIÇO OU RIQUEZA?

Cresci a ouvir muitas coisas no meu "Kimbo", Histórias e estórias, verdades e mentiras, contos e cantos, poesias e prosas, ouvi outrossim relatos sobre pobreza e feiticismo, riqueza e bruxaria. Até arrepia… Enfim, tive um passado prendado de eloquências.

Naquela altura os mais velhos tinham sempre razão, até nos ensejos em que estávamos sentados numa roda de fogo de conselhos para encaminhar o nosso porvindouro. E quanto a isso, só tenho a agradecer, pois hoje sou mais atlético do que pensei, não no que estão a pensar, ou pensem como quererem! Entre mitos e verdades, os nossos ascendentes conseguiam olhar para as mãos da nossa mente e sabiam dizer se por "acaso" seriamos ricos ou pobres. É verdade o que vos digo, como também pode ser mentira né! Cada um tira as suas privações prévias e conclua porque não estou para insinuar ninguém. O que é facto, é que foi assim onde a videira da vida se plantou solitária.

Querendo ou não, já sabíamos também, por influências dos nossos "dy" cotas quem seria rico ou pobre, quer dizer rico ou feiticeiro a partir das brincadeiras históricas que eles nos contavam bem sérios. Estou rindo sozinho! E quando víssemos um mais velho, repito um mais velho, com calvície já sabíamos se era rico ou feiticeiro (pobre), olhando por onde andava, como andava e com quem andava. Sinceramente! Se estivesse sobre uma moto estava a caminho da riqueza e se estivesse pendurado no volante de um carro estava livre da pobreza (do feitiço), e se o coitado do mais velho estivesse a andar sobre os seus próprios pés, coitado, era "mbora" o feiticeiro e todos metiam-se a correr à procura de um esconderijo aparatoso e meigo, incluindo uma brincadeirinha bem trabalhada por mim.

Hoje, por hoje, as coisas tornaram-se melindrosas, pois até os jovens saboreiam de uma linda calvície e por castigo, embelezada com cabelos brancos e ruivos, assim como eu, orgulhosamente. E pra variar, se é sorte ou azar, cruzei com um velho amigo ainda hoje, de quem não direi o nome, que olhou pra mim e disse: estes teus cabelos brancos são fruto de muito esforço, e dedicação, e de

querer ser mais velho muito cedo. Verdade ou mentira, meti-me a gargalhar com ele e me indagou: E com essa calvície? Me pareces ter juízo a mais! Apenas agradeci! E o senhor tinha a cabeça toda decorada de cabelo branco, sem uma carequinha sequer, e não tive como classifica-lo pois os cotas da minha época nunca nos contaram tal desiderato!

Eu bem jovem, não tanto assim, já com calvície frontal e cabelos brancos em toda a cabeça, fico bem mau por causa das histórias e as estórias que os cotas da minha temporada contavam e por castigo quando faço o cabelo tiro tudo para esconder a carequinha, mas "felizmente" na parte da calvície dá-se conta porque brilha como que tivessem esfregado óleo de palma. Agora pensei bem, vou continuar a fazer aquele corte escovinha cheia que me deixa garoto e deixar a parte descabelada expandir a sua fulgência.

Um aparte, não sei se sou feiticeiro (pobre) ou rico, segundo os nossos ancestrais, ou meus como queiram, diziam que os calvos ou seriam uma ou outra coisa do que me referi acima. O importante mesmo é que não sei, e mato-me de risos quando digo que não sei, pois não sei mesmo.

E você meu comparsa da calvície, é feiticeiro ou rico? A resposta fica por sua conta, não nos conte por favor.

O INGRATO QUE SOU!

Para ser o que sou hoje, Deus usou pessoas especiais para concretizarem o Seu projecto de bem-aventuranças em meu espírito, e dentre essas criaturas primorosas, destaco os meus progenitores, e todos aqueles que de forma directa ou indirecta capitalizaram a sua carrada de auxílio no meu vital crescimento. Sublinho, foi Deus que usou criaturas Suas para que eu fosse essa madeira moldada pela experiência do tempo. Aliás, esta é a realidade pela qual todos os seres caminhantes passam.

Deus colocou pessoas abençoadas nos meus trilhos, pese embora, alguns estavam escondidos em peles de bois, sendo que algumas outras ainda estão. Muitas destas criaturas antes de serem, transpuseram pelo que passei, ou seja, precisaram de sujeitos abençoados para os catapultar no púlpito da vida, onde cada um devia ser o seu próprio pastor a ministrar o seu porvindouro, sem esperar culpados quando a queda viesse a ser maior que as feridas tapadas pela vergonha.

O que não me admira, são aquelas pessoas que querem ter os filhos até na vida adulta, não desmamando-os das licitudes eloquentes que a vida propõe a cada ser vivente, e confesso que não foi diferente comigo. Vivi a minha longevidade expectante, construindo o meu suado celeiro em portas abertas para o futuro, sem prejudicar ninguém, e mesmo assim me queriam como escravo.

Ganhei asas voantes e sempre quis andar nos trilhos do bem, com o auxílio das pessoas enviadas e pautei sempre pelo respeito, humildade, sagacidade, mas também muitas vezes não fui flor que se cheirasse. São coisas da vida, pois ninguém é impecável.

Enquanto os nossos ascendentes nos formavam, muitos dos seus acostumados parentes sentavam na penumbra da preguiça, e os que não queriam resultados imediatos, sentamos em latas para ouvir o professor cantar a matéria viva que só brilharia no futuro. Tudo por nada, tínhamos que calçar os sapatos do pai, colocando um farrapo em frente para não boiar, e amarrar as calças nas

laterais, formando um enrolado romântico para a calça não cair. Mas os sequazes dos meus progenitores até nos diziam que o futuro não dependia de um caderno e nem de um lápis! Os nossos pais apostaram no combate a ignorância populista que morava nas mentes da gente daquela época.

Algumas vezes precisamos de fazer biscatos em lavras de gente humilde para ganhar o básico, e comprar o insuficiente que se transformava em suficiente pra nós. Conhecemos o fruto do nosso trabalho semeado com alegria e com espectativas risonhas na futuridade.

O tempo foi e alegria chegou, Hó glória! Um glória que aborrecia a muita gente; aquelas que pra elas a força do futuro não estava num lápis e num caderno. Hoje somos a esperança que o país esperou e damos o pouco que compramos com o nosso próprio sacrifício, e sinto o coração apertado porque muitos progenitores que apostaram o seu poder de confiança, hoje não estão para desfrutar com os seus rebentos naquilo que semearam, mas tenho a certeza que estejam onde estiverem, estão regozijados com as frutíferas conquistas.

O que já se esperava, é que os mais relaxados da fita agora sentem uma inveja implacável porque não têm como desfrutar, essa jubilação com os vitoriosos e criam calúnias desmedidas para verem os seus desejos resolvidos. Para quem é africano, sabe bem do que estou falando.

Semeiem também para colherem os frutos do vosso esforço!

APAIXONEI-ME QUANDO NÃO DEVIA

Lá bem atrás dos acontecimentos animados já aprendi e coloco em prática o que era gostar de alguém de verdade! Pois conheci o amor de mãe e de pai, estava rodeado das pessoas de quem a vida me dera como manto sanguíneo, e já encontrei um celeiro construído numa árvore frutífera que é a minha genealogia. Pensara na altura que seriam os meus únicos amores a vida toda, claro, sem esquecer de Deus, que é a razão vital do meu fôlego, por ser assim que fui educado, e não tenho dúvidas nenhumas que sou o que sou graças a Ele, o todo-poderoso.

E assim fui crescendo com tropeços e tombadas, mas também com muitas benesses sem sequer saber que me apaixonaria um dia, pois nem eu sabia ou sentira o que era tal sentimento e nem sequer um dia alguém se atrevera me contar. Se calhar para me proteger! Quem sabe? Apenas gostava dos meus colegas de classe e das minhas colegas de "meninas" que partilhavam os seus lanches nos momentos prazerosos de intervalos entre as aulas.

Infelizmente, os meus genitores nunca sentaram comigo para falar-me de sexualidade, e o pouco que soubera na minha adolescência e sei hoje roubei nas ruas de forma deturpada e atrapalhada, pese em boa hora, tais conhecimentos me valeram muito. Trouxeram muitas dúvidas sobre quem eu era de facto, porque não sabia o que queria ser, não sabia o que queria ter, e por "castigo do destino" tive que começar a tomar todo o tipo de bebidas alcoólicas e que muitas das quais não existem na nossa região, o pior de tudo é que tomava até a vida se tornar num mar de loucuras pungentes e ao mesmo tempo suculentas.

Não culpo os meus ascendentes, muito em boa hora devia, porém, nem eles tinham como me educar no conhecimento do meu próprio corpo, pois eles não tinham essa formação quando criança, pior ainda, é que nem os seus anciãos também sabiam como fazê-lo. Quem é o culpado? Acho que é o tempo!

Conheces outro culpado?

A verdade porém, é que hoje somos fruto da ignorância que vivemos e o pretérito foi cúmplice das nossas vitórias, e infelizmente nem todos os jovens daquela era tiveram o mesmo destino como eu e outros, e é tristonho revelar que este problema é recorrente nos nossos dias. As escolas não têm disciplinas que falam sobre sexualidade, e as poucas que têm os seus professores têm vergonha de educar abertamente as crianças e adolescentes naquilo que eles devem saber e dominar sobre o seu verdadeiro eu.

Criar JANGOS EDUCATIVOS em cada bairro, para "tagarelar" sem rodeios, sobre os problemas que a nossa sociedade enfrenta, e potencializar cada líder comunitário com ferramentas suficientes para ultrapassar esse dilema ofuscante, seria o ideal pois assim prevenir-se-iam os adolescentes e jovens das gravidezes indesejadas, dos abortos provocados, das doenças de transmissão sexual e VIH/SIDA.

Por conta do que revelei acima, e que não é suficiente, na minha paupérrima adolescência, juventude e vida adulta, eu não sabia distinguir, atracção por uma mulher, paixão por elas, e o que de facto era amar ou no mínimo sentir amor de verdade por donzela. Não tive instrução como já me referi acima! Agora adulto, estou bem formatado, se bem que por pensar que já sou calejado tombei onde não devia. Bem feito para mim! Entanto, quando criança gostei das minhas vizinhas, e esse sentimento " atrapalhado fui crescendo, e nem sequer consegui namorar a minha vizinha. A minha timidez ganhou asas quando adolescente e tive muitos "amores fictícios" de verdade e nunca consegui me declarar. Não sabia o que estava a perder. Mas quando jovem já tinha uma coragem de enfrentar as atracções e as paixões pensando que estava a amar a primeira-dama dos meus acordados sonhos. E quando menos esperei amei mulheres que nunca me amaram. Sei disso somente hoje. Existem aquelas que até hoje ainda me querem mesmo sabendo que sou comprometido com outra parelhas.

E nesta jornada encontrei-me com a Mujinga (nome fictício), a quem me doei, e lhe dei todo o meu céu, pois eu não sabia fazer leitura dos sinais falsos de qualquer relacionamento, e sem esperar a menina Mujinga foi sem dizer adeus. Fizemos juras de amor, com

casamento marcado, e um porvir preparado. Apaixonei-me pela mulher errada. Queria eu aprender a conhecer verdadeiros amores para me livrar dos amores amarfanhados. Se os meus procriadores me dessem só uma instrução!

Uma sociedade com conhecimento vence a ignorância e as turbulências desnecessárias e a falta de interpretação dos sinais evidentes de desrespeito no seio dos adolescentes e jovens, para vir a ser um passado vencido e risonho.

Sejamos a favor dos JANGOS EDUCATIVOS no seio da comunidade, e a iniciativa deve partir de nós mesmos porque a "rua" não forma, simplesmente deforma.

OMBROS PARA CHORAR

A desilusão não se compra, os sentimentos são inatos, o sofrimento nunca é inédito, as dores não são transmissíveis mas são comunicativas, a vida é inalienável, o futuro depende das sementes que lançamos, a colheita é obrigatória, e só se colhe o que se plantou. A inveja é um sentimento medonho, enfim, a vida só é vida quando ela é respeitada e bem convivida.

Entre ilusões e desilusões, todos sonhamos com o que é realizável e muitas vezes não conseguimos alcançar o que planejamos, pois os caminhos por onde passamos não são desejáveis nem mesmo com o atrevimento dos pensamentos sublimes.

Amamos o nosso ego, corremos sem querer chegar na meta, caminhamos sem saber que já estamos onde devíamos estar e acabamos voltando pelo caminho que por lá já passamos. Deixamos cair a pouca esperança que era tão grande, e ganhamos a infelicidade daqueles que se livraram do fardo amarfanhado. Sonhamos sem querer acordar e acordamos sem planejar o que almejamos.

Nunca quis depender de ninguém e nem de mim mesmo, mas o destino é tão assertivo, que não nos deixa caminhar a sós!

Muita gente se fecha no seu quarto de desejos medonhos sem sequer desabafar pelo menos com a lua, acabando no túmulo da depressão ganhando desonra individual fazendo com que todos que rodeiam sejam sequazes dos tais desajustes emocionais. Por conta disso, muita gente acaba perdendo o que lhe ama e o pequeno teto de satisfação que uma amizade é capaz de resolver.

Não é justo viver mendigando daquilo que o nosso ego nos propõe e nos supõe nas paredes encurraladas, que na verdade ela oculta as pequenas saídas visíveis que estão à nossa frente.

Como ninguém é só, e somos também pelos outros, querendo ou não, devemos confiar os nossos intentos a alguém. Mas que seja alguém confiável, fidedigno, espiritual, conciliador, companheiro, enfim, que seja alguém enviado por Deus. Para tal devemos pedir a ajuda Suprema todos os dias para que Deus envie pessoas abençoadas, que venham de família abençoada para nos ajudarem a marchar no mar de turbulências que atravessam o nosso invisual. Precisa-se ter muito cuidado para seleccionar

tais pessoas, porque muitos aparentam ter um coração de ouro, que na verdade nem uma oração valem.

É importante sabermos, como dizem, que “uma andorinha não faz primavera”, logo, a primavera brilha quando as andorinhas vivem grudadas umas com as outras, muito em boa hora, que entre as andorinha, existem aquelas que não merecem estar no meio das demais.

Conquiste um ombro amigo, para descansar as sensações menos abonatórias e verás que a vida tem valor e as mágoas só aparecem ao longo do caminho para nos fortificar e dar mais valor naquela pessoa que queremos ser, e dotada de precisão.

LIQUIDIFICADOR DO AMOR

O amor expressa bem-querer, afecto, dilecção, afeição, querença, amizade, paixão, entre outros atributos que nos levam a ser animais que não fazem mal a outrem.

Hoje, por hoje, o amor anda endurecido sem querer saber por onde está e por onde caminha. O orgulho constrói cada vez mais o seu celeiro nos corações dos animais ditos racionais e bem mais dotados que os demais animais que cavalgam no seu rico e amassado habitat. Cá entre os meus botões, afirmo sem medo de errar que os animais que agem por instinto são mais dotados de inteligência do que nós que raciocinamos no tambor fingido da ciência! Quando vejo o amor que as formigas têm entre si, me arrepia a mente de saber que somos piores que eles.

O irmão já não é irmão e nem sequer coabita nos ideias irracionais de cada ser ambulante. As nossas mãos se tornaram cada vez mais curtas, sem vontade de abraçar a aqueles que precisam sair do buraco da infelicidade e satisfação pelo menos temporárias.

Muitas vezes sentimos e vemos a mente do mendigo chorar de um pequenino pão de ar para respirar a alma faminta de água valente e nós passamos como se de cegos fossemos olhando do outro lado da margem onde habita a nossa insegurança de amar realmente.

Amar não é dar; amar é doar-se e sentir na própria pele o penar do irmão que só precisa de uma mão vossa e não o braço por completo.

Amar é ter capacidade de ver as lágrima de quem sofre sem mesmo ver o aguaceiro cair dos olhos e postar a nossa proposta de ajuda a quem muito mais precisa do que nós.

Chorar com os que choram, não é rir-se da desgraça afogada daquilo que se tem, chorar com os que choram é cantar com a voz daquele que não sabe cantar e dançar com as pernas daqueles que não as têm. Isso sim, é amar!

Conheço muitos possuidores de bens, não ricos, que usurpando os anseios dos mendigos botam tudo o que têm nas suas panças de

lixo olhando serenos e sem vergonha nas caixas de orgulho que são.

O amor perdeu o seu valor, pois quem ama hoje, é um sem carácter, sem pudor mental que não sabe o que quer, assim dizem os avarentos. Cada um tem o que tem, se esquecendo que só ter não faz um ser humano perfeito. Precisamos antes de mais ser e não ter.

Queremos ganhar agora e já, sem provar os efeitos ou os caminhos pelo qual passaremos. Precisamos de construir um coração que aceite a outrem como ele é, tal como aceita a nós mesmos. O amor produz riquezas que não precisam de ser vistas, apenas sentidas no trepidar do olhar invisível daqueles que dizem amar, e assim transcender o prazer vital da eloquência saudosa no nosso íntimo.

Amar é rasgar parte do que temos para partilhar com quem não tem, para quem não tem, juntar os retalhos doados pela vida e construir o seu pequeno céu. É factível sermos esse ser vivente que rasga parte do seu ser para ser aquele que muitos não querem ser. Vistamo-nos com as vestes do oprimido pelo menos quatro horas e verás como é difícil ser outra pessoa. Queres saber como? Faça esse exercício:

Pega numa venda de cor branca, quando forem oito horas do dia, cobre as tuas vistas com a mesma venda e pede a alguém muito próximo teu, para ser o teu guia durante uma hora de caminhada, de mãos dadas ao teu guia. Feito o percurso, lá onde parares, cumprindo com o tempo estipulado, desvenda os teus olhos senta-te sereno e verás como é que um coração que não recebe amor, ajuda, afecto e em simultâneo sentirás o que infelizmente muita gente que tem posses é, e não sabe. São cegos que olham o que não deviam olhar, ou seja, não têm vista para olhar, nem coração igual ao dos humanos de verdade. Depois da experiência ter vontade de lacrimejar, não te poupes, chora mesmo porque te tornaste num ser novo, capaz de viver na pele de outrem. Ame de verdade a quem precisa de facto, e seja um liquidificador de amor, onde o suco saboroso de várias frutas de amor se tornam em paz solidificada para todos, sem distinção de sabores!

DEFINIÇÃO DE FELICIDADE

O que é felicidade para uns é infelicidade para outros! Quero acreditar. Vejamos o seguinte: Existem muitos milionários a nível do mundo todo, que quando andam não pisam no chão, submergem a felicidade e a felicidade lhes ri toda hora do dia e da noite, noite e dia. Têm castelos escondidos nos seus corações, mansões de dinheiros em quartos escuros, dormem em colchões amanteigados de estofo e viajam quando querem sem precisarem tripulação contratada.

O dinheiro não é problema, mas o problema é o dinheiro que não foi conquistado pelo suor sacrificante de suas próprias mãos. Abriram portas escuras para deixarem cair a fortuna dos desafortunados. Esses são muito felizes, pois têm o que mais ninguém tem, e não importa como conseguiram, muito em boa hora sabemos as suas fontes de aquisição!

Existem aqueles que não se contentam com essa felicidade mesquinha, pois para eles isso não é felicidade, mas sim roubo da dignidade daqueles que não foram comprados com um preço justo.

Para muitos viver suado com aquilo que não prejudica a outrem é a maior felicidade que se deve experimentar em todos os momentos da vida. Ser feliz no pouco para conquistar o muito no pouco. Isso sim, é que é felicidade. Sei que pra ti isso que vivo é infelicidade. Respeito, porque a definição de felicidade depende do que vive na sua vida!

O AMOR QUE CURA COM PERDÃO

Muitas vezes cogitamos que a vida nos prega partidas inóspitas e arrojadas sem saber que nós somos a razão de qualquer tropeço que conquistamos. Perdoar é o remédio que cura qualquer dilacerada dor desde que o façamos com juízo e integralidade, sem porém, deixar margens de dúvidas e devidas.

Todos dizemos que amamos, mas perdoar quem amamos não temos coragem, temos sim orgulho de sermos os que nunca erram, e se erramos os nossos pecados devem obrigatoriamente ser perdoados em detrimento dos outros.

Quem perdoa de verdade liberta-se de qualquer amargura, igualmente para quem recebe o perdão. Fingir perdoar, ou mesmo aceitar o perdão de alguém fingindo, é igual a quem cultiva amendoim torrado esperando ter uma produção e uma colheita amadurecida.

Quem perdoa se liberta dos ventos da amargura e conquista pra si singelas oportunidades de voltar a ser feliz e se reconcilia consigo mesmo e com quem lhe feriu. Aceitar o perdão é um acto de heroísmo, pois a pessoa perdoada ama duas vezes.

O orgulho nos afasta das pessoas que nos amam, nos torna em seres “unigénitos”, que só pensam em si, e não nos problemas dos outros.

O amor é o remédio mais eficaz para curar qualquer doença que nos aflija a alma.

A NUDEZ DA NOITE

Quando cresci, na minha adolescência ouvi sempre dizer entre nós que “a cor preta é a melhor de todas porque os melhores beijos são dados na escuridão”! É na noite onde tudo acontece; acontecem coisas boas.

Os pássaros descansam durante a noite, os zumbidos do amor se recolhem e apertam no amassar da solidão. O sigilo da natureza enche o coração de quem está machucado com a maturação que o dia ofereceu. Mesmo assim muitos seres animados desprezam a noite e os seus mistérios.

Aproveitar o sigilo e a solidão da noite para descasar as sensações cansadas pelas corridas da vida sem ao menos planear o que se almeja depois do escuro se clarear e culpar a aqueles que são um relógio manobrador que têm tudo cronometrado para a hora certa, o dia certo e até o pôr-do-sol assertivo, não dignifica o repouso merecido.

A noite foi feita para dormir e sonhar, sonhar acordado e dormindo, para quando se despertar correr atrás dos sonhos e realizá-los com precisão e mestria sem descorar as oportunidades caídas que vêm quando menos esperamos. Todas as chances dadas pelas emoções da obscuridade da noite devem ser degustadas com o maior prazer factível e deixar a vida levar aquilo que se ansiou nas insónias do amanhecer.

Abraçar, beijar, namorar, deixar a vida nos levar, enfim, ser o que nunca se foi, só é possível no serão das noitadas de amor onde escreve as histórias correspondidas no livro aberto dos encantos cantados pelas aves enrabichadas.

Vestir-se com o manto da nudez da noite é o mais aprazível caminho que qualquer um deve seguir a vida toda para sentar-se na definição de tudo que tem sentido.

AS AMARGURAS DO FRUTO DOCE

Há muito que me apetecia provar do fruto proibido, que se diga a bono da verdade que é saboroso mesmo sem ter provado vivamente, se bem que na minha mente já lhe tinha comido variadíssimas vezes. Como a minha mente tem poder! Então, decidi me aventurar nas praças da loucura, saindo de casa sem o propósito de cair em tentação, mas como a carne é fraca, como dizem, deparei-me logo com uma menina que carregava dentro e fora de si um corpo estonteante, parecendo uma Cinderela que foi fabricada num feriado ameno onde só o vento soprava em forma de prazer. Sinceramente falando, fiquei boquiaberto, pois dentro daquele roupão morava uma estrutura em forma de violão. Decidi não olhar com os olhos de olhar só que feliz ou infelizmente o olho do coração continuava com aquela imagem esbelta que me deixava sem respirar e seguir o meu pobre caminho. Juro que vi tudo lá dentro, as portas e as janelas, as curvas e contra curvas, enfim, nadei nas profundezas daquelas paisagens

Por ironia do destino a menina moça caminhava em frente de mim, numa posição vertical e horizontal e senti-me num engarrafamento extremo e não tive como fazer ultrapassagem à " mão direita " para não infringir o código de conduta moral e cívica. Senti os frutos da beleza que me envolviam a alma na proibição daquele instante.

O agravante é que sai de casa sem querer violar as regras de convivência que viviam em mim, mas a ocasião se tornou tão oportuna que cai em tentação, mas na tentação que só eu seria, pois ela não sabia que eu estava a falar com ela no meu pensamento.

DADOS BIOGRÁFICOS

Osvaldo Sahopa Monteiro Bernardo, pseudónimo Osvaldo Sahopa, natural da Província do Huambo, Licenciado em Ciências da Educação – Formação de Professores.

Professor de Matemática, escritor, poeta, romancista e cronista,

Académico da Academia de Autores da Huila (ASA-HUÍLA)

Académico Correspondente Imortal da Academia de Letras e Artes de Arroio Grande (ALAAG), cadeira número 2 no Brasil.

Académico da Academia de Letras Guimarães Rosa (ALEGRO) – Brasil, cadeira número 173.

Autor dos E-Books A Mestria do Amor e Amor Colossal de poesias, e Reflexões Motivacionais publicados no portal www.academiadeautoresdahuila.net que podem ser baixados de forma grátis. Autor do livro de contos em formato físico Contos que Ninguém Conta, Revelações do Sobre natural e do Perceptível que será lançado oportunamente.

CRÓNICAS DA ALMA

VOAR SEM ASAS DA IMAGINAÇÃO

Autor: Osvaldo Sahopa

EDITORA DIGITAL

"***ÁGUA PRECIOSA***"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO

Todos os direitos desta obra reservados a

Osvaldo Sahopa

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

==========

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP"PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA"

Esta obra está sob uma *Licença Communs.*

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.